

SAMAEI AUN WEOR



A GRANDE REBELIÃO

MUDAR A FORMA DE PENSAR PARA
MUDAR A FORMA DE VIVER

EDISAW



Este livro digital foi disponibilizado gratuitamente pelo
Projeto Abragnose Digital, mantido pela
ABRAGNOSE - Academia Brasileira de Gnose.

O Projeto Abragnose Digital, por meio de contribuições
de estudantes gnósticos e simpatizantes,
tem por objetivo disponibilizar versões digitais gratuitas
de obras publicadas pela EDISAW - Editora Samael Aun Weor.

Para adquirir cópias impressas de obras do catálogo da EDISAW,
a preço de custo, visite a nossa loja na página www.edisaw.com.br.
Ao adquirir as versões impressas das obras da EDISAW
você contribui para a expansão do seu catálogo e
para a manutenção de sua obra de divulgação
do conhecimento gnóstico contemporâneo.

Para ajudar a manter este e outros trabalhos de cunho cultural,
assistencial e missionário você pode também contribuir diretamente
para com a ABRAGNOSE realizando doações
por meio da seguinte conta bancária:

Banco do Brasil
Agencia: 3390-1
Conta: 27.361-9
CNPJ 14.578.176/0001-30
Academia Brasileira de Gnose

Agradecemos o seu apoio!

Paz Inverencial!



EDISAW

Aviso de copyright:

Todos os direitos reservados para a EDISAW - Editora Samael Aun Weor.
A distribuição deste material é permitida desde que seja mantida a totalidade do material,
e seja expressamente mencionada a fonte (EDISAW / Projeto Abragnose Digital)
e ambos os nossos endereços na internet (www.gnose.org.br e www.edisaw.com.br).

A GRANDE REBELIÃO

Mudar a forma de pensar para mudar a forma de viver

Samael Aun Weor

A GRANDE REBELIÃO

Mudar a forma de pensar para mudar a forma de viver

1ª. Edição

Curitiba – PR

EDISAW

2011

A GRANDE REBELIÃO

Mudar a forma de pensar para mudar a forma de viver

V. M. SAMAEL AUN WEOR

BUDDHA MAITREYA – KALKI AVATAR DA ERA DE AQUÁRIO

Título Original: *La Gran Rebelión*

Primeira Edição: 1975 - Colômbia

TRADUÇÃO: KARL BUNN – Presidente da Igreja Gnóstica do Brasil
Curitiba – PR – Brasil – Março 2005 – XLIII Ano de Aquário

Design da Capa: Ricardo Bianca de Mello e Helen Sarto de Mello

Imagem da Capa: A morte de Sócrates (1762)

Jacques-Philip-Joseph de Saint-Quentin Óleo sobre tela, 140 x 115 cm

Diagramação: Pedro Luis Vieira

Fotolitos e Impressão: Gráfica Editora Pallotti

1ª reimpressão (Quarto milheiro) maio 2011

© Direitos autorais desta edição: Igreja Gnóstica do Brasil
www.gnose.org.br

Textos entre [] são do tradutor; não constam no original. Usamos esse recurso para oferecer um melhor entendimento e orientação para o leitor, evitando assim as nem sempre práticas notas de rodapé. Textos entre () constam do original.

Em sinal de respeito ao autor e aos irmãos que nos antecederam na história do Movimento Gnóstico, nossas edições mantêm a totalidade e a integridade das obras originais. Nossos comentários e explicações estão sinalizados de forma expressa e direta, de modo que nossos leitores possam diferenciar claramente o que é um e o que é outro.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Aun Weor, Samael, 1917-1977.

A grande rebelião : mudar a forma de pensar
para mudar a forma de viver / Samael Aun Weor ;
tradução Karl Bunn. -- Curitiba, PR : Edisaw, 2011.

Título original: La gran rebelión.

1ª reimpr. da 1. ed. de 2009.

ISBN 978-85-62455-07-0

1. Autoajuda - Técnicas 2. Autoconhecimento - Teoria
3. Gnosticismo - Aspectos psicológicos
I. Título. II. Título: Mudar a forma de pensar para
mudar a forma de viver.

11-04023

CDD-299.932

Índices para catálogo sistemático:

1. Psicologia gnóstica : Autoconhecimento e
mudanças de vida : Religião 299.932

APRESENTAÇÃO



Este é um dos últimos livros escritos por Samael Aun Weor, o Grande Mestre Gnóstico do Século XX.

Dotado de uma surpreendente capacidade de antevisão, já em 1975 o autor nos prevenia dos absurdos da vida moderna, que em vez de nos liberar de tantas amarras e compromissos, mais nos têm aprisionado em valores e sistemas de pensamentos absolutamente incompatíveis com a liberdade individual e com o sonho universal de felicidade eterna e sem limites.

Gradativamente, capítulo a capítulo, o autor vai mostrando os absurdos desta civilização, voltada ao consumo e ao hedonismo. Após desenhar o pavoroso cenário que nos rodeia, o autor propõe como alternativa de vida, a abdição dos valores e princípios puramente materiais, tomando em troca, desde o zero radical, novos valores e princípios espirituais, éticos e filosóficos a serem criados e desenvolvidos pelo próprio interessado a partir de idéias e sistemas de pensamento que permearam nossa história ao longo do tempo.

A responsabilidade de mudar a atitude existencial, sem dúvida, cabe a cada um de nós. Mensageiros, Profetas, Avatares, Buddhas e Cristos renovam, de tempos em tempos, os valores místicos e religiosos do mundo, através dos quais podemos e devemos nos inspirar para fazer **A Grande Rebelião**. Mas a tarefa de mudar nossa forma de pensar, sentir e agir depende exclusivamente de nós mesmos; depende de nossa vontade.

Como diz o autor no capítulo 3, “Quando descobrimos as causas verdadeiras de tantas misérias e amarguras é óbvio que podemos fazer alguma coisa”, o que torna evidente que a raiz da grande tragédia da vida moderna é nossa própria ignorância acerca daquilo que de fato nos amargura a vida.

É claro que este livro não é uma panacéia que vai curar todas as mazelas humanas. Porém, é um excelente instrumento de autodiagnóstico, mediante o qual cada um poderá fazer uma auto-reflexão sobre sua própria vida e, com

isso, introduzir as mudanças necessárias para passar a vibrar numa faixa mais elevada de harmonia espiritual.

Num mundo onde tudo é voltado a satisfazer o ego, é evidente que da alma nada se fala, pouco se conhece, menos ainda a ela é dado. Ora, se somos uma alma morando num corpo, a simples constatação dessa verdade cósmica já deveria ser o suficiente como que para nos levar a repensar tudo em nossa vida e passar a viver de forma diferente. Porém, apoiado pelos meios de comunicação e por uma próspera e poderosa indústria de interesses voltados a explorar artifícios e artificialidades, o ego tem vencido essa batalha pela supremacia do comando da vida humana. Com isso, a Alma - nossa única e verdadeira realidade eterna - tem sido escravizada e torturada pela superficialidade existencial inerente às ações e iniciativas de um limitado e transitório ego humano.

- Mas o que nos impede de sentirmos e agirmos como almas habitando um corpo?

Para responder a essa simples questão, temos que voltar no tempo e na história e também mergulhar profundamente em nós mesmos. Não é uma tarefa simples! Nem é como apertar botões de um controle remoto. É algo trabalhoso, que exige certa disciplina pessoal; geralmente, não somos muito chegados a trabalhar e a seguir disciplinas espirituais e pessoais.

Mesmo que não tenhamos vocação para nos tornarmos monges, vale a pergunta: como e por que um monge atinge o estado de plenitude ou de iluminação? Como e por que esse mesmo monge consegue paz interior e domínio de seus processos mentais?

De certo modo é isso o que temos pela frente quando queremos mudar a nós mesmos. É requerida uma disciplina diária normal de práticas e exercícios meditativos, contemplativos e de auto-reflexão numa escala menor que a de um monge que vive isolado em algum monastério oriental ou ocidental.

Não é à toa que muita gente está abandonando as cidades e a vida agitada para se refugiar em ambientes calmos e convidativos a uma interiorização e à busca de uma vida pessoal mais rica espiritualmente falando. Tudo isso faz parte do novo modelo de um novo patamar disso que tanto se fala e pouco se vive hoje em dia: **Qualidade de Vida**.

A cada novo dia mais e mais pessoas percebem que essa vida louca e estressante das grandes cidades não traz felicidade; eventuais benefícios financeiros não compensam tamanho desgaste psicológico. Por isso mesmo, mais e

mais pessoas, desde jovens, estão preferindo ganhar menos, mas terem tempo para si e para suas coisas pessoais, incluindo-se aqui rotinas meditativas e contemplativas *lights*.

Já não há dúvida que essa “Vida Louca” [como mostra **Koyaanis-qatsi** – o filme] está a caminho de se autodestruir – e muitos não querem estar por perto quando isso suceder [até porque, instintivamente sabem que esse será o fim desta civilização do Kali-Yuga]. Por isso mesmo, desde já estão construindo sua própria alternativa de vida...

A Grande Rebelião não é um livro para se passar os olhos e matar o tempo. Antes, é uma obra para ser meditada capítulo a capítulo, sem pressa e sem stress. Estamos seguros que o leitor deste livro encontrará aqui muito material para profundas reflexões existenciais. Ao fim se perguntará se vale mesmo a pena seguir lutando contra um sistema brutalizante que a todos massacra impiedosamente. Mas sempre fica a pergunta: Não seria melhor construir desde agora uma via alternativa própria?

Não importa qual seja a resposta. Quem quiser começar do zero radical terá que rever de forma analítica e crítica tudo aquilo que sempre aceitou como verdade e normalidade da vida presente. Não importa qual seja sua religião ou sua crença. O ponto comum a todos nós é que para mudar nossa forma de pensar, sentir e viver ou agir será preciso pulverizar pouco a pouco nosso querido ego. O ego humano, com toda sua complexidade moderna, é, no fundo, o responsável por nossos infortúnios e nossos sofrimentos.

Muitas são as escolas e os métodos que ensinam a observar, analisar, compreender e dissolver ou atenuar a ação nefasta do nosso querido ego. O importante não é a escola ou o método em si mesmo. O que conta mesmo é o trabalho a ser feito de forma concreta sobre nós mesmos com o objetivo de eliminar de nossa mente os agregados negativos ou os “venenos” que tanto mal nos têm ocasionado ao longo de nossa vida.

Iniciar A Grande Rebelião é tão só a primeira decisão pessoal. Depois, os que se decidirem seguir adiante na tarefa de reformarem a si mesmos, terão que se lançar na difícil e longa jornada de, efetivamente, pulverizar seus agregados psicológicos ou mentais, cuja ciência e técnica podem ser encontradas em outros livros do mesmo autor.

Karl Bunn
Presidente da IGB-Edisaw

CAPÍTULO 1

A VIDA



Ainda que pareça incrível é bem certo e real que esta tão cacarejada civilização moderna é algo horrivelmente feia; não reúne as características transcendentais do sentido estético e está desprovida de beleza interior. É muita presunção a nossa achar que somos algo com estes horripilantes edifícios urbanos que mais parecem verdadeiras ratoeiras.

O mundo se tornou tremendamente tedioso; [são sempre] as mesmas ruas e as mesmas casas por onde quer que se vá. Tudo é a mesma rotina no Norte e no Sul, no Leste e no Oeste do mundo. Sempre a mesma coisa: horrível, cansativo, estéril.

– Modernismo! exclamam as multidões. Parecemos verdadeiros pavões vaidosos com as roupas que usamos e com os sapatos brilhantes, ainda que por toda parte circulem milhões de infelizes, famintos, desnutridos, miseráveis [e descalços].

A simplicidade e a beleza natural, simples, ingênua, desprovida de artifícios, desapareceram do sexo feminino, tendo sido substituídas por pesadas maquiagens.

– Agora somos modernos! Assim é a vida!

As pessoas se tornaram espantosamente cruéis; a caridade desapareceu [da face do planeta] e já ninguém mais sente piedade de ninguém.

As vitrines ou mostruários das sofisticadas lojas resplandecem com luxuosas mercadorias que, definitivamente, estão fora do alcance dos miseráveis. A única coisa que podem fazer os párias da vida é contemplar as sedas, jóias, perfumes em luxuosos frascos e guarda-chuvas para os dias tormentosos; podem ver sim, mas não podem tocar – um suplício semelhante ao de Tântalo.

As pessoas dos tempos modernos se tornaram muito grosseiras. O perfume da amizade e a fragrância da sinceridade desapareceram radicalmente.

As multidões gemem sobrecarregadas de impostos.

Todo mundo está com problemas; devem-nos e devemos; processam-nos e não temos com que pagar; as preocupações despedaçam os cérebros; ninguém mais vive tranqüilo.

Os burocratas, com seus avantajados ventres da riqueza e da boa vida, com um bom charuto na boca, no qual se apóiam psicologicamente, fazem malabarismos políticos com a mente sem dar a mínima para o sofrimento do povo.

Ninguém é feliz por estes tempos, menos ainda a classe média que se encontra entre a cruz e a espada.

Ricos e pobres, crentes e descrentes, empresários e mendigos, sapateiros e funileiros, todos vivem porque precisam viver, afogando no álcool suas amarguras; alguns até se convertem em drogados para fugir de si mesmos.

As pessoas se tornaram maliciosas, medrosas, desconfiadas, astutas e perversas; já ninguém confia mais em ninguém.

Diariamente se criam novas regras, certificados, papéis de todo tipo, documentos, credenciais, etc.; mas nada disso resolve coisa alguma.

Os espertalhões zombam de todas essas tolices; não pagam e fogem da lei mesmo tendo que ir para a cadeia.

Nenhum emprego traz felicidade a ninguém. O sentido do verdadeiro amor se perdeu e as pessoas se casam hoje e se divorciam amanhã.

A unidade dos lares lamentavelmente, se acabou; a vergonha orgânica já não existe; o lesbianismo e o homossexualismo se tornaram mais comuns que lavar as mãos.

Saber algo sobre tudo isso, tratar de conhecer a causa de tanta podridão, inquirir ou buscar respostas, certamente é o que nos propomos a fazer neste livro.

Estamos falando na linguagem da vida comum e prática para todos entenderem o que está escondido atrás dessa horripilante máscara da vida moderna; estamos pensando em voz alta, e podem dizer o que quiserem. As teorias já se tornaram cansativas e até se vendem e se revendem no mercado... Portanto, e daí?

As teorias só servem para gerar preocupações e amargurar ainda mais a vida. Com justa razão dizia Goethe: “Toda teoria é cinza; verde é a árvore de dourados frutos que é a vida...”

As pobres pessoas já se cansaram de tantas teorias. Agora se fala muito sobre praticidade. Precisamos ser práticos e conhecer realmente as causas de nossos sofrimentos.

CAPÍTULO 2

A CRUA REALIDADE DOS FATOS



Em breve, milhões de habitantes da África, Ásia e América Latina podem morrer de fome

NT – Este livro foi escrito em 1976 e desde então a fome e a miséria só têm aumentado no mundo inteiro.

O gás lançado pelos *sprays* pode acabar radicalmente com o ozônio da atmosfera terrestre.

Alguns cientistas prevêem que para o ano 2000 o subsolo de nosso globo terrestre estará esgotado [de fato, hoje já se consome mais que o planeta pode repor].

As espécies marítimas estão morrendo devido à contaminação dos mares. Isso já está demonstrado.

Do jeito que vamos, para o final deste século os moradores das grandes cidades estarão usando máscaras de oxigênio para se protegerem da fumaça [como de fato usam para se prevenir das novas enfermidades, como a gripe aviária e a gripe suína].

Continuando a contaminação em sua forma alarmante atual, em pouco tempo já não será possível comer peixes, pois estes, vivendo em águas totalmente contaminadas, serão um perigo para a saúde.

Antes do ano 2000 será quase impossível encontrar uma praia onde alguém possa se banhar em água pura [de fato, tornou-se uma realidade].

Devido ao desmedido consumo e exploração do solo e do subsolo, logo as terras já não poderão produzir os elementos agrícolas necessários para a alimentação das pessoas.

O “animal intelectual” equivocadamente chamado homem, ao contaminar os mares com tanta imundície, envenenar o ar com a fumaça de seus carros e de suas fábricas e destruir a terra com suas explosões atômicas subterrâneas e o abuso de elementos prejudiciais para a crosta terrestre, é claro que está submetendo o planeta Terra a uma longa e espantosa agonia que, sem a menor dúvida, haverá de terminar em uma grande catástrofe [esperada para 2012].

Difícilmente o mundo poderá cruzar o umbral do ano 2000, já que o “animal intelectual” está destruindo o ambiente natural a mil por hora.

O “mamífero racional” equivocadamente chamado homem está empenhado em destruir a Terra; quer torná-la inabitável, e é óbvio que está conseguindo.

No que se refere aos mares, é notório que estes foram transformados por todas as nações numa espécie de grande lixeira. Setenta por cento do lixo do mundo está indo para os mares.

Enormes quantidades de petróleo, inseticidas de toda classe, múltiplas substâncias químicas, gases venenosos, gases neurotóxicos, detergentes, etc., estão aniquilando todas as espécies viventes do oceano.

As aves marítimas e o plâncton, tão indispensável para a vida, estão sendo destruídos.

Indiscutivelmente, a aniquilação do plâncton marinho é de uma gravidade incalculável, porque este micro-organismo produz setenta por cento do oxigênio terrestre.

Mediante a investigação científica se pôde verificar que certas partes do Atlântico e do Pacífico já se encontram contaminadas com resíduos radioativos resultantes das explosões atômicas.

Em distintas metrópoles do mundo, muito especialmente na Europa, a água doce é bebida, eliminada, depurada e logo é bebida novamente.

Nas grandes cidades “supercivilizadas” a água servida à mesa passa pelos organismos humanos muitas vezes.

Na cidade de Cúcuta, fronteira da Venezuela com a Colômbia, os habitantes se vêem obrigados a beber as águas negras e imundas do rio que vem de Pamplona carregado de porcarias; me refiro de forma enfática ao rio Pamplonita, que tem sido tão nefasto para a “Pérola do Norte” (Cúcuta). Felizmente,

agora existe outro aqueduto que abastece a cidade, sem que por isso se tenha deixado de beber das águas negras do rio Pamplonita.

Enormes filtros, gigantescas máquinas e substâncias químicas tratam de purificar as águas negras das grandes cidades da Europa, mas as epidemias continuam se propagando com essas águas negras imundas que tantas vezes passaram pelos organismos humanos.

Os famosos bacteriologistas encontraram na água potável das grandes capitais toda classe de vírus, colibacilos, agentes patogênicos, bactérias de tuberculose, tifo, varíola, larvas, etc.

Ainda que pareça incrível dentro das próprias usinas potabilizadoras de água de países europeus foi encontrado o vírus da vacina da poliomielite.

Além disso, o desperdício de água é espantoso. Cientistas modernos afirmam que para o ano de 1990 o “humanóide racional” morrerá de sede.

O pior de tudo isso é que as reservas subterrâneas de água doce se encontram em perigo devido aos abusos do “animal intelectual”.

A exploração sem misericórdia dos poços de petróleo continua sendo fatal. O petróleo que se extrai do interior da terra atravessa as águas subterrâneas e as contamina.

Como conseqüência, o petróleo tornou impotáveis as águas subterrâneas da terra durante mais de um século. Obviamente, como resultado de tudo isto, morrem os vegetais e até multidões de pessoas.

Falemos agora um pouco sobre o ar que tão indispensável é para a vida das criaturas... A cada aspiração ou inalação os pulmões tomam meio litro de ar, ou seja, uns doze metros cúbicos por dia. Multiplique-se tal quantidade pelos quatro bilhões e quinhentos milhões de habitantes que possui a Terra [1977], então teremos a quantidade exata que diariamente é consumida pela humanidade inteira, sem contar o que consomem todas as outras criaturas animais que povoam a face do planeta.

A totalidade do oxigênio que inalamos encontra-se na atmosfera e se deve ao plâncton – que agora estamos destruindo com a contaminação – e também à atividade fotossintética dos vegetais. Desgraçadamente, as reservas de oxigênio já estão se esgotando.

O “mamífero racional”, equivocadamente chamado homem, mediante suas inumeráveis indústrias, está diminuindo de forma contínua a quantidade

de radiação solar, tão necessária e indispensável para a fotossíntese. Por isso, a quantidade de oxigênio que produzem atualmente as plantas é agora bem menor que no século passado.

O mais grave de toda esta tragédia mundial é que o “animal intelectual” continua contaminando os mares, destruindo o plâncton e acabando com a vegetação.

O “animal racional” prossegue destruindo de forma lamentável suas fontes de oxigênio. O *smog* [poluentes] que o humanoíde racional está jogando na atmosfera de forma contínua, além de matar, põe em risco a vida do planeta terra. O *smog* não só está aniquilando as reservas de oxigênio como também está matando pessoas.

O *smog* gera estranhas e perigosas enfermidades, impossíveis de curar; isto já está demonstrado. O *smog* impede a entrada da luz solar e dos raios ultravioletas, originando graves desordens na atmosfera.

Está vindo uma era de alterações climáticas, glaciações, avanço dos gelos polares para o Equador, ciclones espantosos, terremotos, etc.

Devido ao abuso da energia elétrica, no ano 2000 haverá mais calor em algumas regiões da Terra, e isto coadjuvará no processo de revolução dos eixos do planeta. Brevemente, os pólos ficarão transformados no Equador da Terra e este último se converterá em pólos [espera-se esse acontecimento para o ano 2012, segundo os maias].

O degelo dos pólos já começou, e um novo dilúvio universal, precedido pelo fogo, se avizinha.

Nas próximas décadas multiplicar-se-á o dióxido de carbono; então, este elemento químico formará uma grossa camada na atmosfera da Terra. Tal filtro ou camada absorverá a radiação térmica e atuará como uma estufa de fatalidades.

O clima da Terra se tornará mais quente em muitos lugares e o calor derreterá o gelo dos pólos; por tal motivo o nível dos oceanos se elevará de forma assustadora.

A situação é gravíssima! O solo fértil está desaparecendo, e diariamente nascem duzentas mil pessoas que necessitam de alimento.

A catástrofe mundial da fome que se avizinha será certamente pavorosa. Isso já está às portas.

Atualmente, a cada ano morrem quarenta milhões de pessoas pela fome, por falta de comida.

A criminosa industrialização das florestas e a exploração impiedosa de minas e petróleo estão transformando a terra em deserto.

Se é certo que a energia nuclear é mortal para a humanidade, não é menos certo que atualmente existem também “raios da morte”, bombas bacteriológicas e muitos outros elementos destrutivos, terrivelmente malignos, inventados pelos cientistas.

Inquestionavelmente, para conseguir a energia nuclear se requer grandes quantidades de calor, difíceis de controlar, e que a qualquer momento podem originar uma catástrofe [como ocorreu em Chernobyl em 1986].

Para conseguir a energia nuclear se requerem enormes quantidades de minerais radiativos, dos quais só se aproveitam uns trinta por cento; isto faz com que o subsolo terráqueo se esgote rapidamente.

Os dejetos atômicos que ficam no subsolo se tornam espantosamente perigosos. Não existe lugar seguro para o lixo atômico.

Se o gás de uma lixeira atômica chegar a escapar, ainda que só uma mínima porção, morreriam milhares de pessoas.

A contaminação de alimentos e águas traz alterações genéticas e monstruosidades humanas; criaturas que nascem deformadas e monstruosas.

Antes do ano de 1999, haverá um grave acidente nuclear que causará verdadeiro espanto.

NT – Este livro foi escrito em 1975; em 1986 ocorreu a tragédia de Chernobyl.

Certamente, a humanidade não sabe viver; degenerou-se espantosamente e se precipitou francamente ao abismo.

O mais grave de toda essa questão é que os fatores de tal desolação, como fome, guerras, destruição do planeta em que vivemos, etc., estão dentro de nós mesmos; levamos em nosso interior, em nossa mente.

CAPÍTULO 3

A FELICIDADE



As pessoas trabalham diariamente lutando para sobreviver; de alguma maneira querem existir, porém não são felizes.

Ser feliz é um quebra-cabeça chinês, como se diz por aí. O pior é que as pessoas sabem disso, mas em meio a tantas amarguras, parece que não perdem a esperança de alcançar a felicidade algum dia, mesmo sem saber como nem de que maneira.

Pobres pessoas! Como sofrem! No entanto, querem viver, mas temem perder a vida.

Se as pessoas entendessem algo sobre Psicologia Revolucionária, possivelmente até pensariam diferente. Mas, na verdade, nada sabem; querem apenas sobreviver em meio à sua desgraça – isso é tudo.

Existem momentos prazerosos, muito agradáveis; mas isso não é felicidade. As pessoas confundem prazer com felicidade.

Folia, farra, bebedeira, orgia, tudo isso é prazer bestial; não é felicidade. Também existem festinhas sadias, sem bebedeiras, sem bestialidades, sem álcool; mas isso tampouco é felicidade...

– Você é uma pessoa amável? Como se sente quando dança? Você está enamorado? Ama de verdade? Como se sente dançando com o ser querido?

Permita-me ser um pouco cruel nestes momentos dizendo que isso também não é felicidade. Se você já está velho e esses prazeres não lhe atraem mais, desculpe-me se lhe digo que seria diferente se você fosse jovem e cheio de ilusões.

De todas as maneiras, digam o que disserem, dançando ou não dançando, namorando ou não namorando, tendo ou não tendo dinheiro, você não é fe-

liz, mesmo que pense o contrário. Passamos a vida buscando a felicidade em todas as partes e morremos sem havê-la encontrado.

Na América Latina são muitos os que têm esperanças de um dia ganhar na loteria; acreditam que assim vão conseguir a felicidade. Alguns até são premiados, mas nem por isso conseguem a tão sonhada felicidade.

Quando somos jovens sonhamos com a mulher ideal, alguma princesa das “Mil e Uma Noites”, algo extraordinário... Depois, vem a crua realidade dos fatos: mulher, filhos pequenos para sustentar, situação financeira dramática, etc.

Não há dúvida que à medida que os filhos crescem, os problemas também crescem, e até se tornam impossíveis. Conforme o menino ou a menina vá crescendo, os sapatinhos vão sendo cada vez maiores, e o preço também, claro.

Conforme as crianças crescem, a roupa vai ficando cada vez mais e mais cara. Havendo dinheiro não há problema, mas se não houver, a coisa se torna bem séria e se sofre horrivelmente...

Tudo isso é mais ou menos tolerável quando se tem por esposa uma boa mulher. Mas quando o pobre homem é traído, quando é “chifrado”, então de nada vale seguir lutando para ganhar dinheiro.

Existem casos extraordinários, mulheres maravilhosas, companheiras de verdade, tanto na riqueza quanto na pobreza. Mas para o cúmulo da desgraça, então o homem não sabe apreciá-la, e até a abandona por outras mulheres, que vão lhe amargar a vida.

Muitas são as mocinhas que sonham com um “príncipe encantado”. Infelizmente, na vida real, as coisas se tornam bem diferentes; e no terreno dos fatos concretos, a pobre mulher se casa com um verdugo...

A maior ilusão de uma mulher é chegar a ter um belo lar e ser mãe. Santa predestinação! No entanto, ainda que tenha um marido muito bom, coisa por certo muito difícil de achar, no fim tudo termina. Os filhos e as filhas se casam, se vão de casa ou são ingratos com seus pais, e o lar termina, definitivamente.

Conclusão: neste mundo cruel em que vivemos, não existe gente feliz! Todos os pobres seres humanos são infelizes.

Conhecemos muitos “burros de carga”, cheios de dinheiro na vida, mas também carregados de problemas, disputas de toda espécie, sobrecarregados de impostos, etc. Não são felizes...

De que serve ser rico se não se goza de boa saúde? Pobres ricos! Às vezes são mais infelizes que um mendigo.

Tudo passa nesta vida! Passam as coisas, as pessoas, as idéias, etc. Os que têm dinheiro passam e os que não têm também passam, e ninguém conhece a autêntica felicidade.

Muitos querem fugir de si mesmos por meio das drogas ou do álcool, mas em verdade, não só não conseguem escapar, como também, o que é pior, ficam presos no inferno do vício.

Os amantes do álcool, da maconha, do LSD, etc., desaparecem como por encanto quando o viciado resolve mudar de vida.

Fugindo do “mim mesmo”, do “eu mesmo”, não se alcança a felicidade. O mais indicado é “agarrar o touro pelos chifres”, observar o “eu”, e estudá-lo com o propósito de descobrir as causas da dor.

Quando descobrimos as verdadeiras causas de tantas misérias e amarguras é óbvio que podemos fazer alguma coisa...

Se conseguíssemos acabar com o “mim mesmo”, com “minhas bebedeiras”, “meus vícios”, “meus afetos” que tanta dor me causa no coração, “minhas preocupações” que destroçam o cérebro e me adoecem, etc., é claro que então adviria isso que não é do tempo; isso que está além do corpo, das emoções e da mente; isso que realmente é desconhecido para o entendimento e que se chama “felicidade”.

Sem dúvida, enquanto a consciência continuar engarrafada ou embutida no “mim mesmo”, no “eu mesmo”, de nenhuma maneira poderemos conhecer a legítima felicidade.

A felicidade tem um sabor que o “eu mesmo”, o “mim mesmo” jamais conheceu.

CAPÍTULO 4

A LIBERDADE



O “sentido de liberdade” é algo que ainda não foi adequadamente entendido pela humanidade. Devido ao fato de o conceito de “liberdade” sempre ter sido apresentado de forma mais ou menos equivocada, gravíssimos erros foram cometidos. Certamente se luta por uma palavra; tiram-se deduções absurdas; cometem-se atropelos de toda espécie e se derrama sangue nos campos de batalha.

A palavra “liberdade” é fascinante. Todo mundo gosta da liberdade. No entanto, não há compreensão autêntica sobre a mesma. Há muita confusão em relação a essa palavra. Não é possível encontrar uma dezena de pessoas que defina a palavra liberdade da mesma forma e do mesmo modo.

É que o termo liberdade não poderia, de nenhuma maneira, ser compreensível para o racionalismo subjetivo. Cada pessoa tem idéias diferentes sobre esta palavra; opiniões subjetivas e desprovidas de qualquer realidade objetiva.

Ao se propor a questão da liberdade sempre haverá incoerência, indefinição e incongruência em cada mente. Estou seguro que sequer Emmanuel Kant, o autor da “Crítica da Razão Pura” e da “Crítica da Razão Prática”, jamais analisou esta palavra para dar-lhe o sentido exato.

Liberdade é uma linda palavra, um belo termo! Quantos crimes já foram cometidos em seu nome! Indiscutivelmente, o termo liberdade hipnotizou as multidões. Montanhas, vales, rios e mares se tingiram de sangue ao conjuro desta mágica palavra.

Quantas bandeiras, quanto sangue e quantos heróis surgiram no curso da história cada vez que se colocou a questão da liberdade sobre o tapete da vida. Infelizmente, depois de toda independência a tão alto preço alcançada, a escravidão continua dentro de cada pessoa.

Quem é livre? Quem conseguiu obter a famosa liberdade? Quantos se emanciparam? Ai! Ai! Ai!

O adolescente sonha com a liberdade. É incrível como muitas vezes, havendo comida, teto e aconchego, o jovem queira fugir da casa paterna em busca da liberdade. É incongruente o juvenzinho que, tendo tudo em casa, queira se evadir, fugir, se afastar de sua morada, fascinado pela palavra liberdade.

É estranho que, gozando do conforto do lar, queira perder o que tem e correr o mundo e acabar mergulhado na dor. Que o desventurado, o pária da vida, o mendigo, queira de verdade afastar-se do casebre, da choça, com o propósito de mudar para algo melhor, é correto. Porém, que o jovem bem nascido, o filhinho da mamãe, busque escapatória, queira fugir, torna-se incongruente e até absurdo. Entretanto, é assim mesmo! A palavra liberdade fascina, enfeitiça, ainda que ninguém saiba defini-la de forma precisa.

Que a mocinha queira liberdade, que anele mudar de casa, que deseje se casar para escapar do lar paterno e viver uma vida melhor, é bem lógico em parte, porque ela tem o direito de ser mãe. No entanto, já na vida de casada, se dará conta que não é livre, e que, com resignação, haverá de seguir carregando os grilhões da servidão.

O empregado, cansado de tantos regulamentos, quer se livrar do patrão; se conseguir a independência, vai se deparar com o mesmo problema: continua sendo escravo de seus próprios interesses e preocupações.

Certamente, cada vez que se luta pela liberdade, sentimo-nos enganados, apesar da vitória.

Tanto sangue derramado inutilmente em nome da liberdade, e, no entanto, continuamos sendo escravos de nós mesmos e dos demais.

As pessoas lutam por palavras que nunca entenderam, ainda que os dicionários as expliquem etimologicamente.

A liberdade é algo para ser conquistado dentro de si mesmo. Ninguém pode alcançá-la fora de si mesmo.

“Cavalgar o vento” é uma frase bem oriental que alegoriza o sentido da genuína liberdade. Ninguém poderá realmente experimentar a liberdade enquanto sua consciência continuar engarrafada no mim mesmo, no si mesmo.

Compreender esse “eu mesmo”, a “minha pessoa”, “o que eu sou”, é urgente quando se quer, sinceramente, conseguir a liberdade.

De modo algum poderíamos destruir os grilhões da escravidão sem antes haver compreendido toda essa questão pessoal, tudo isso que corresponde ao eu, ao mim mesmo.

Em que consiste a escravidão? O que é isso que nos mantém escravos? Quais são essas travas?

Tudo isso é o que precisamos descobrir... Ricos e pobres, crentes e descrentes, todos somos formalmente prisioneiros, ainda que nos consideremos livres.

Enquanto a consciência, a Essência, o mais digno e decente que temos em nosso interior continuar engarrafada no mim mesmo, no eu mesmo, em meus gostos e temores, em meus desejos e paixões, em minhas preocupações e violências, em meus defeitos psicológicos, estaremos formalmente aprisionados.

O sentido de liberdade só pode ser compreendido integralmente quando forem aniquilados os grilhões de nosso próprio cárcere psicológico.

Enquanto o eu mesmo existir, a consciência estará na prisão. Evadir-se do cárcere só é possível mediante a “aniquilação budhista”, dissolvendo o eu, reduzindo-o a cinzas, a poeira cósmica.

A consciência livre, desprovida do eu, em ausência absoluta do mim mesmo, sem desejos, sem paixões, sem apetências ou temores, experimenta de forma direta a verdadeira liberdade.

Qualquer conceito sobre liberdade não é liberdade. As opiniões que formemos sobre liberdade estão muito longe de ser a realidade. As idéias que forjemos sobre o tema da liberdade nada têm a ver com a autêntica liberdade.

A liberdade é algo que temos que experimentar de forma direta. Isso é possível morrendo-se psicologicamente, dissolvendo o eu, acabando para sempre com o mim mesmo.

De nada serve continuar sonhando com a liberdade se seguimos como escravos. Bem melhor é ver a nós mesmos como somos e observar cuidadosamente todos esses grilhões [psicológicos] da escravidão que nos mantém em formal prisão [mental].

Autoconhecendo-nos, vendo o que somos interiormente, descobriremos a porta da autêntica liberdade.

CAPÍTULO 5

A LEI DO PÊNDBULO



É interessante ter um relógio de pêndulo na parede de casa, não só para saber as horas, mas também para refletir um pouco.

Sem o pêndulo o relógio não funciona. O movimento do pêndulo é profundamente significativo.

Nos tempos antigos o dogma da evolução não existia; então os sábios entendiam que os processos históricos se desenvolvem sempre de acordo com a Lei do Pêndulo.

Tudo flui e reflui, sobe e desce, cresce e decresce, vai e vem – de acordo com essa maravilhosa lei.

Nada tem de estranho que tudo oscile, que tudo esteja submetido ao vai e vem do tempo, que tudo evolua e involua.

Num extremo do pêndulo está a alegria e no outro a dor. Todas as nossas emoções, pensamentos, anelos e desejos oscilam com a Lei do Pêndulo.

Esperança e desespero; pessimismo e otimismo; paixão e dor; triunfo e fracasso; lucro e perda correspondem certamente aos dois extremos do movimento pendular.

Surgiu o Egito com todo seu poderio e senhorio às margens do rio sagrado, mas quando o pêndulo foi para o outro lado, quando se levantou pelo extremo oposto, caiu o país dos faraós e se levantou Jerusalém, a cidade querida dos profetas.

Quando o pêndulo mudou de posição [novamente] caiu Israel e surgiu no outro extremo o Império Romano.

O movimento pendular levanta e derruba impérios; faz surgir poderosas civilizações e logo as destrói.

Podemos colocar no extremo direito do pêndulo as diversas escolas pseudo-esotéricas e pseudo-ocultistas, religiões e seitas.

Podemos colocar no extremo esquerdo do movimento pendular todas as escolas materialistas, marxistas, ateístas, céticas, etc. Antíteses do movimento pendular, mutantes, sujeitas à permutação incessante.

O fanático religioso, devido a qualquer acontecimento insólito ou decepção, pode ir ao outro extremo do pêndulo e se converter em ateu, materialista, cético.

O fanático materialista ateu, devido a qualquer fato inusitado, talvez um acontecimento metafísico transcendental, ou um momento de terror indizível, pode ser levado ao extremo oposto do movimento pendular e se converter num reacionário religioso insuportável.

Exemplos: um sacerdote, vencido numa polêmica por um esoterista, desesperado, tornou-se incrédulo e materialista.

Conhecemos também o caso de uma senhora atéia e incrédula que, devido a um fato metafísico concludente e definitivo, converteu-se num expoente magnífico do esoterismo prático.

Em nome da verdade devemos declarar que o ateísmo materialista verdadeiro e absoluto é uma farsa, não existe.

Ante a proximidade de uma morte inevitável, em um instante de terror indizível, os inimigos do Eterno, os materialistas e incrédulos, passam instantaneamente ao outro extremo do pêndulo, e acabam orando, chorando e clamando com fé infinita e enorme devoção.

O mesmo Karl Marx, autor do materialismo dialético, foi um fanático religioso judeu; depois de sua morte renderam-lhe honras fúnebres de grande rabino.

Karl Marx elaborou sua dialética materialista com um só propósito: criar uma arma para destruir todas as religiões do mundo por meio do ceticismo.

É um caso típico de ciúme religioso levado ao extremo. De modo algum Marx poderia aceitar a existência de outras religiões e preferiu destruí-las, mediante sua Dialética.

Karl Marx cumpriu com um dos Protocolos de Sião que diz textualmente: “Não importa que enchamos o mundo de materialismo e de repugnante ateísmo; no dia em que triunfamos, ensinaremos a religião de Moisés devi-

damente codificada e em forma dialética, e não permitiremos nenhuma outra religião no mundo”.

É muito interessante notar que na União Soviética as religiões são perseguidas e ao povo se ensina a dialética materialista enquanto nas sinagogas se estuda o **Talmud**, a Bíblia e a religião, e trabalham livremente, sem problema algum.

Os amos do governo russo são fanáticos religiosos da lei de Moisés; mas eles envenenam o povo com essa farsa do materialismo dialético.

Jamais nos pronunciaríamos contra o povo de Israel; só estamos nos declarando contra certa elite de jogo duplo que, perseguindo fins inconfessáveis, envenena o povo com a dialética materialista, enquanto pratica em segredo a religião de Moisés.

Materialismo e espiritualismo, com toda sua seqüela de teorias, dogmas e preconceitos de toda espécie, processam-se na mente de acordo com a Lei do Pêndulo; entram e saem de moda de acordo com os tempos e os costumes.

Espírito e matéria são dois conceitos muito discutíveis e espinhosos, que ninguém entende.

A mente nada sabe sobre o espírito e sobre a matéria.

Um conceito não é mais que isso: um conceito. A realidade não é um conceito, ainda que a mente possa forjar muitos conceitos sobre a realidade.

O espírito é espírito [o Ser] e só a si mesmo pode conhecer.

Escrito está: “O Ser é o Ser e a razão de ser do Ser é o mesmo Ser”.

Os fanáticos do deus matéria, os cientistas do materialismo dialético são cem por cento empíricos e absurdos. Falam sobre matéria com uma auto-suficiência deslumbrante e estúpida, quando realmente nada sabem sobre a mesma.

O que é matéria? Qual destes tontos cientistas sabe o que é matéria?

A tão cacarejada matéria é também um conceito bem discutível e bastante espinhoso.

O que é a matéria? O algodão? O ferro? A carne? O amido? Uma pedra? O cobre? Uma nuvem ou o quê?

Dizer que tudo é matéria é tão empírico e absurdo como assegurar que todo o organismo humano é um fígado, um coração ou um rim. Obviamente, uma coisa é uma coisa e outra coisa é outra coisa; cada órgão é diferente e cada substância é distinta.

Então, qual de todas estas substâncias é a tão cacarejada matéria?

Muita gente joga com os conceitos do pêndulo; porém, em realidade, os conceitos não são a realidade.

A mente só conhece formas ilusórias da natureza, porém nada sabe sobre a verdade contida em tais formas.

As teorias passam de moda com o tempo e com os anos e o que aprendemos na escola depois já não serve. Conclusão: ninguém sabe nada.

Os conceitos da extrema direita ou da extrema esquerda do pêndulo passam como a moda das mulheres. Tudo isso são processos da mente, coisas que sucedem na superfície do entendimento, tolices, vaidades do intelecto.

A qualquer disciplina psicológica opõe-se outra disciplina; a qualquer processo psicológico logicamente estruturado opõe-se outro semelhante, e depois de tudo, o que resta?

O que nos interessa é o Real, a Verdade. Mas isso não é questão do pêndulo; não se encontra entre o vai e vem das teorias e crenças.

A Verdade é o desconhecido de instante a instante, de momento a momento.

A Verdade está no centro do pêndulo, não na extrema direita, nem tampouco na extrema esquerda.

Quando perguntaram a Jesus o que é a Verdade, ele permaneceu em silêncio profundo. E, quando fizeram a mesma pergunta a Buddha, este deu as costas e se afastou.

A Verdade não é questão de opiniões, nem de teorias, nem sequer de preconceitos de extrema direita ou de extrema esquerda.

O conceito que a mente possa forjar sobre a verdade jamais é a Verdade.

A idéia que o entendimento tenha sobre a verdade nunca é a Verdade.

A opinião que tenhamos sobre a verdade, por mais respeitável que seja, de modo algum é a Verdade.

Nem as correntes espiritualistas, nem suas oponentes materialistas jamais poderão nos conduzir à Verdade.

A Verdade é algo que deve ser experimentado em forma direta como quando colocamos o dedo no fogo e nos queimamos; ou como quando engolimos água e nos afogamos.

O centro do pêndulo está dentro de nós mesmos e é ali onde devemos descobrir e experimentar em forma direta o Real, a Verdade.

Necessitamos nos auto-explorar diretamente para nos autodescobrirmos e conhecermos profundamente a nós mesmos.

A experiência da verdade só advém quando eliminamos os elementos indesejáveis que em seu conjunto constituem o mim mesmo [o ego].

Só eliminando o erro advém a verdade. Só desintegrando o eu mesmo, meus erros, meus preconceitos e temores, minhas paixões e desejos, crenças e fornicações, encastelamentos intelectuais e auto-suficiências de toda espécie, advém a nós a experiência do Real.

A verdade nada tem a ver com o que tenha sido dito ou deixado de dizer; com o que tenha sido escrito ou deixado de escrever; ela somente advém a nós quando o mim mesmo morreu.

A mente não pode buscar a verdade porque não a conhece. A mente não pode reconhecer a verdade porque jamais a conheceu. A verdade advém a nós de forma espontânea quando eliminamos todos os elementos indesejáveis que constituem o mim mesmo, o eu mesmo.

Enquanto a consciência continuar engarrafada no eu mesmo não poderá experimentar isso que é o Real, isso que não é do tempo, isso que está mais além do corpo, dos afetos e da mente, isso que é a Verdade.

Quando o mim mesmo é reduzido a poeira cósmica, a consciência se libera para despertar definitivamente e experimentar de forma direta a Verdade.

Com justa razão dizia o Grande Kabir Jesus: “Conhececi a Verdade e ela vos fará livres”.

De que serve o homem conhecer cinquenta mil teorias se jamais experimentou a Verdade?

O sistema intelectual de qualquer homem é muito respeitável, mas a qualquer sistema se opõe outro, e nem um nem outro é a Verdade.

Mais vale nos auto-explorarmos para nos autoconhecermos e podermos chegar a experimentar um dia em forma direta o Real, a Verdade.

CAPÍTULO 6

CONCEITO E REALIDADE



Quem ou o quê pode garantir que conceito e realidade são absolutamente iguais?

O conceito é uma coisa e a realidade é outra; existe a tendência de se superestimar nossos próprios conceitos.

Realidade igual a conceito é algo quase impossível; no entanto, a mente, hipnotizada por seu próprio conceito, supõe sempre que este e a realidade são iguais.

A um processo psicológico qualquer, corretamente estruturado mediante uma lógica exata, opõe-se outro diferente, rigidamente formado, com lógica similar ou superior; então, como ficamos?

Dois mentes severamente disciplinadas dentro de férreas estruturas intelectuais, discutindo entre si, polemizando sobre tal ou qual realidade, crêem, cada uma, na exatidão de seu próprio conceito e na falsidade do conceito alheio.

Mas, qual delas tem a razão? Quem poderia, honestamente, inclinar-se por um ou por outro dos polemizadores? Como poderíamos, honestamente, garantir um ou outro lado? Em qual deles o conceito e a realidade são iguais?

Sem dúvida, cada cabeça é um mundo. Em todos e em cada um de nós existe uma espécie de dogmatismo pontifício e ditatorial que nos quer fazer crer na igualdade absoluta de conceito e realidade.

Por mais fortes que sejam as estruturas de um raciocínio nada pode garantir a igualdade absoluta entre conceito e realidade.

Aqueles que estão auto-encerrados dentro de qualquer procedimento lógico intelectual querem sempre fazer coincidir a realidade dos fenômenos

com os conceitos elaborados, e isso não é mais que o resultado da alucinação racionante.

Abriu-se ao novo é a difícil facilidade do clássico. Infelizmente, as pessoas querem descobrir e ver em todo fenômeno natural seus próprios dogmas, conceitos, preconceitos, opiniões e teorias; ninguém sabe ser receptivo e ver o novo com mente limpa e espontânea.

Que os fenômenos falassem ao sábio seria o indicado. Infelizmente, os sábios destes tempos não sabem escutar, não sabem ver os fenômenos; só querem ver neles a confirmação de todos os seus preconceitos.

Ainda que pareça incrível, os cientistas modernos nada sabem sobre os fenômenos naturais.

Quando vemos nos fenômenos da natureza exclusivamente nossos próprios conceitos, certamente não estamos vendo os fenômenos, mas os conceitos.

Contudo, os tontos cientistas, alucinados por seu fascinante intelecto, crêem de forma estúpida que cada um de seus conceitos é absolutamente igual a tal ou qual fenômeno observado, mesmo quando a realidade é diferente.

Não negamos que nossas afirmações sejam rechaçadas por todo aquele que esteja auto-encerrado por tal ou qual procedimento lógico. Inquestionavelmente, a condição pontifícia e dogmática do intelecto, de modo algum poderia aceitar que tal ou qual conceito, corretamente elaborado, não coincida exatamente com a realidade.

Tão logo a mente observe tal ou qual fenômeno, através dos sentidos, se apressa de imediato a rotulá-lo com tal ou qual termo científico, que indiscutivelmente só vem a servir como remendo para tapar a própria ignorância.

A mente não sabe realmente ser receptiva ao novo, mas sabe inventar termos complicadíssimos, com os quais pretende qualificar, de forma auto-enganosa, o que certamente ignora.

Falando desta vez em sentido socrático, diremos que a mente não somente ignora, mas também ignora que ignora.

A mente moderna é terrivelmente superficial; especializou-se em inventar termos difíceis para tapar sua própria ignorância.

Existem duas classes de ciência. A primeira não é mais que essa podridão de teorias subjetivas que abundam por aí. A segunda é a ciência pura dos grandes Iluminados, a ciência objetiva do Ser.

Indubitavelmente, não é possível penetrarmos no anfiteatro da ciência cósmica se antes não morrermos em nós mesmos.

Necessitamos desintegrar todos os elementos indesejáveis que carregamos em nosso interior, os quais, em seu conjunto, constituem o mim mesmo ou o eu da psicologia.

Enquanto a Consciência Superlativa do Ser continuar engarrafada no mim mesmo, entre “meus” próprios conceitos e teorias subjetivas, será absolutamente impossível conhecer diretamente a crua realidade dos fenômenos naturais em si mesmos.

A chave do laboratório da natureza está na mão direita do Anjo da Morte.

Bem pouco podemos aprender do fenômeno do nascimento, mas da morte podemos aprender tudo.

O templo inviolado da ciência pura se encontra no fundo da negra sepultura. Se o germe não morre a planta não nasce. Só com a morte advém o novo.

Quando o ego morre, a consciência desperta para ver a realidade de todos os fenômenos da natureza, tal qual são em si mesmos e por si mesmos.

A consciência sabe o que experimenta diretamente por si mesma: a crua realidade da vida mais além do corpo, dos afetos e da mente.

CAPÍTULO 7

A DIALÉTICA DA CONSCIÊNCIA



No trabalho esotérico relacionado à eliminação dos elementos indesejáveis que carregamos em nossa mente, surge às vezes o fastio, o cansaço e o aborrecimento.

Não há sombra de dúvida que precisamos voltar sempre ao ponto de partida original para revalorizar os fundamentos do trabalho psicológico, se é que de verdade anelamos uma mudança radical.

Amar o trabalho esotérico é indispensável, quando de verdade queremos uma transformação interior completa.

Enquanto não amarmos o trabalho psicológico que conduz à mudança, a reavaliação dos princípios se torna impossível.

Seria um absurdo supor que poderemos nos interessar pelo trabalho se na realidade não chegarmos a amá-lo.

Isto significa que o amor é indispensável quando uma e outra vez tratamos de revalorizar os fundamentos do trabalho psicológico.

Urge, antes de qualquer coisa, saber o que é isso que se chama “consciência”, pois são muitas as pessoas que nunca se interessaram por saber algo mais sobre a mesma.

Qualquer pessoa comum e corrente sabe que um boxeador, ao cair no-cateado no ringue, perde a consciência. É claro que, ao voltar a si, o infeliz pugilista adquire novamente a consciência.

Seqüencialmente, qualquer um compreende que existe uma clara diferença entre a personalidade e a consciência.

Ao virmos ao mundo, trazemos à existência uns três por cento de consciência livre e uns noventa e sete por cento de subconsciência, infraconsciência e inconsciência.

Os três por cento de consciência desperta podem ser aumentados à medida que trabalharmos sobre nós mesmos. Não é possível acrescentar consciência mediante procedimentos exclusivamente físicos ou mecânicos. Mas a consciência pode despertar [e ser ampliada] à base de trabalhos específicos e padecimentos voluntários.

Existem vários tipos de energias dentro de nós, que devemos compreender:

Primeiro: energia mecânica.

Segundo: energia vital.

Terceiro: energia psíquica.

Quarto: energia mental.

Quinto: energia da vontade.

Sexto: energia da consciência.

Sétimo: energia do espírito puro.

Por mais que multiplicássemos a energia estritamente mecânica jamais conseguiríamos despertar a consciência.

Por mais que incrementássemos as forças vitais dentro de nosso organismo nunca chegaríamos a despertar consciência.

Muitos processos psicológicos se realizam dentro de nós mesmos sem necessidade da intervenção da consciência.

Por maiores que sejam as disciplinas da mente, a energia mental nunca poderá despertar os diversos funcionalismos da consciência.

A força da vontade, ainda que fosse multiplicada até o infinito, não conseguiria despertar a consciência.

Todos estes tipos de energia estão distribuídos em distintos níveis e dimensões que nada têm a ver com a consciência.

A consciência só pode ser despertada mediante trabalhos conscientes específicos e retos esforços.

O pequeno percentual de consciência que a humanidade possui, em vez de ser incrementado, costuma ser desperdiçado inutilmente na vida.

É óbvio que, ao nos identificarmos com todos os acontecimentos da nossa existência, desperdiçamos inutilmente a energia da consciência.

Nós deveríamos ver a vida como um filme, sem nos identificarmos jamais com coisa alguma; assim economizaríamos energia conscientiva.

A consciência em si mesma é um tipo de energia com elevadíssima frequência vibratória.

Não confundamos a consciência com a memória, pois são diferentes uma da outra como a luz dos faróis do automóvel é diferente da estrada em que andamos.

Muitos atos acontecem dentro de nós mesmos sem participação alguma disso que se chama consciência.

Em nosso organismo ocorrem muitos ajustes e reajustes sem que a consciência participe dos mesmos.

O centro motor de nosso corpo pode manobrar um automóvel ou dirigir os dedos que tocam o teclado de um piano sem a mais insignificante participação da consciência.

A consciência é a luz que o inconsciente não percebe. Um cego tampouco percebe a luz física solar, mas ela existe por si mesma.

Necessitamos abrir-nos para que a luz da consciência penetre nas trevas espantosas do mim mesmo, do si mesmo.

Agora compreenderemos melhor o significado das palavras de João, quando diz no Evangelho: “A luz veio às trevas, mas as trevas não a compreenderam”.

Mas seria impossível que a luz da consciência pudesse penetrar dentro das trevas do eu mesmo se previamente não usássemos o sentido maravilhoso da auto-observação psicológica.

Necessitamos abrir passagem para a luz a fim de iluminar as profundidades tenebrosas do eu da psicologia.

Jamais nos auto-observaríamos se não tivéssemos interesse em mudar. Tal interesse só é possível quando amamos de verdade os ensinamentos esotéricos.

Agora compreenderão nossos leitores o motivo pelo qual aconselhamos revalorizar, uma e outra vez, as instruções concernentes ao trabalho sobre si mesmo.

A consciência desperta nos permite experimentar de forma direta a realidade. Infelizmente, o “animal intelectual” equivocadamente chamado homem, fascinado pelo poder formulativo da lógica dialética, esqueceu a dialética da consciência.

Sem dúvida alguma o poder para formular conceitos lógicos é, no fundo, terrivelmente pobre.

Da tese podemos passar à antítese e, mediante a discussão, à síntese; mas esta última, em si mesma, continua sendo um conceito intelectual que, de modo algum, pode coincidir com a realidade.

A dialética da consciência é mais direta; permite-nos experimentar a realidade de qualquer fenômeno em si mesmo e por si mesmo.

Os fenômenos naturais de modo algum coincidem exatamente com os conceitos formulados pela mente.

A vida se desenvolve de instante em instante e, quando a capturamos para analisá-la, matamo-la.

Quando tentamos inferir conceitos ao observar tal ou qual fenômeno natural, de fato deixamos de perceber a realidade do fenômeno, e só vemos no mesmo o reflexo das teorias e conceitos rançosos que de modo algum tem a ver com o fato observado.

A alucinação intelectual é fascinante, e à força queremos que todos os fenômenos da natureza coincidam com nossa lógica dialética.

A dialética da consciência fundamenta-se nas experiências vividas e não no mero racionalismo subjetivo.

Todas as leis da natureza existem dentro de nós mesmos; se não as percebermos em nosso interior, jamais as descobriremos fora de nós mesmos.

O homem está contido no universo e o universo está contido no homem.

Real é aquilo que experimentamos em nosso interior. Só a consciência pode experimentar a realidade.

A linguagem da consciência é simbólica, íntima, profundamente significativa; só os despertos podem compreendê-la.

Quem quiser despertar consciência deve eliminar de seu interior todos os elementos indesejáveis que constituem o ego, o eu, o mim mesmo, dentro dos quais se encontra engarrafada a Essência anímica.

CAPÍTULO 8

O JARGÃO CIENTÍFICO



A lógica dialética fica condicionada e ainda qualificada pelas proposições “em” e “acerca de”, que jamais nos levam à experiência direta do Real.

Os fenômenos da natureza estão muito longe de serem como os cientistas os vêem.

Certamente, tão logo um fenômeno qualquer é descoberto, de imediato é qualificado ou rotulado com esta ou aquela denominação do jargão científico.

Obviamente, essas palavras complicadas da ciência atual só servem de remendo para esconder a ignorância.

Os fenômenos naturais de modo algum são como os cientistas os vêem.

A vida, com todos os seus processos e fenômenos, desenvolve-se de momento a momento, de instante em instante; quando a mente científica se detém para analisá-la, de fato a mata.

Qualquer inferência extraída de um fenômeno natural qualquer, de nenhuma maneira é igual à realidade concreta do fenômeno. Desgraçadamente, a mente do cientista, alucinada por suas próprias teorias, crê firmemente no realismo de suas inferências.

O intelecto alucinado não somente vê nos fenômenos o reflexo de seus próprios conceitos, mas o que é pior, de forma ditatorial quer fazer com que os fenômenos se tornem exatos e absolutamente iguais a todos esses conceitos que levamos no intelecto.

O fenômeno da alucinação intelectual é fascinante. Nenhum desses tontos cientistas ultramodernos admitiria a realidade de sua própria alucinação.

Certamente os gênios atuais de modo algum admitiriam ser qualificados de alucinados.

A força da auto-sugestão os fez crer na realidade de todos esses conceitos do jargão científico.

Obviamente, a mente alucinada se presume onisciente; de forma ditatorial quer que todos os processos da natureza andem pelos trilhos de suas crenças.

Nem bem aparece um fenômeno novo e este já é classificado, rotulado e posto neste ou naquele escaninho como se de fato tivesse sido compreendido.

São milhares os termos que se inventaram para rotular fenômenos; mas nada sabem os pseudo-sábios sobre a realidade dos mesmos.

Como exemplo vivo de tudo o que estamos afirmando neste capítulo citaremos o corpo humano.

Em nome da verdade podemos afirmar de forma enfática que este corpo físico é absolutamente desconhecido para os cientistas modernos.

Uma afirmação dessas é bem insolente ante os pontífices da ciência moderna; sem dúvida somos até mesmo excomungados pelos mesmos.

No entanto, temos bases muito sólidas para fazer tão tremenda afirmação. Infelizmente, as mentes alucinadas estão tão convencidas de sua pseudo-sabedoria que nem remotamente poderiam aceitar o cru realismo de sua ignorância.

Se disséssemos aos hierarcas do cientificismo moderno que o Conde Cagliostro, interessantíssimo personagem dos séculos XVI, XVII e XVIII ainda vive em pleno século XX; se lhes disséssemos que o insigne Paracelso, médico da Idade Média ainda existe, podem estar seguros que os hierarcas do cientificismo atual ririam de nós e jamais aceitariam nossas afirmações.

No entanto, é assim. Vivem atualmente sobre a face da Terra autênticos mutantes, homens imortais com corpos que datam de milhares ou de milhões de anos.

O autor desta obra conhece pessoalmente os mutantes. Entretanto, não ignora o ceticismo moderno, a alucinação dos cientistas e o estado de ignorância dos sabichosos.

Por tudo isso, de modo algum cairíamos na ilusão de crer que os fanáticos do jargão científico aceitassem a realidade de nossas insólitas declarações.

O corpo de qualquer mutante é um franco desafio ao jargão científico destes tempos.

O corpo de qualquer mutante pode mudar de aparência e forma e retornar logo ao seu estado normal sem sofrer dano algum.

O corpo de qualquer mutante pode penetrar instantaneamente na quarta dimensão e até assumir qualquer forma vegetal ou animal e retornar posteriormente ao seu estado normal sem nada sofrer.

O corpo de qualquer mutante desafia violentamente os velhos textos de anatomia oficial.

Infelizmente, nenhuma destas declarações poderia convencer os alucinados do jargão científico.

Esses senhores, sentados sobre seus sólidos pontificados, sem dúvida nos olharão com desdém, talvez com ira e possivelmente até com um pouco de piedade.

Entretanto, a verdade é o que é, e a realidade dos mutantes é um franco desafio a toda teoria ultramoderna.

O autor deste livro conhece os mutantes; porém não espera que alguém creia nisso.

Cada órgão do corpo humano é controlado por leis e forças que nem remotamente conhecem os alucinados do jargão científico.

Os elementos da natureza são em si mesmos desconhecidos para a ciência oficial. As melhores fórmulas químicas estão incompletas: H_2O – dois átomos de hidrogênio e um de oxigênio para formar a água é algo empírico.

Se tratarmos de juntar num laboratório o átomo de oxigênio com dois de hidrogênio não obteremos nem água nem nada, porque esta fórmula está incompleta. Falta-lhe o elemento fogo; só com este citado elemento se poderia criar água.

O intelecto, por mais brilhante que seja, jamais poderá nos conduzir à experiência do Real.

A classificação de substâncias com os difíceis termos com que se rotulam as mesmas só serve como remendo para esconder a ignorância.

Isso de o intelecto querer que tal ou qual substância possua determinado nome e característica torna-se absurdo, inadmissível.

Por que o intelecto se presume onisciente? Por que se alucina pensando que as substâncias e os fenômenos são como ele crê que são? Por que o intelecto quer que a natureza seja uma réplica perfeita de todas as suas teorias, conceitos, opiniões, dogmas, preconceitos e prejulgamentos?

Na realidade os fenômenos naturais não são como se crê que são, e as substâncias e forças da natureza, de nenhuma maneira são como o intelecto pensa que são.

Consciência desperta não é mente nem memória nem nada semelhante. Só a consciência liberada pode experimentar por si mesma e de forma direta a realidade da vida livre em seu movimento.

Porém devemos afirmar de forma enfática que, enquanto existir dentro de nós mesmos qualquer elemento subjetivo indesejável, a consciência continuará engarrafada nesse elemento, e por conseguinte, não poderá gozar da iluminação contínua e perfeita.

CAPÍTULO 9

O ANTICRISTO



O brilhante intelectualismo como atividade manifesta do eu psicológico é, indubitavelmente, o Anticristo.

Aqueles que supõem que o Anticristo é um personagem nascido em algum lugar da Terra ou vindo deste ou daquele país estão completamente equivocados.

Afirmamos de forma enfática que o Anticristo não é uma pessoa específica, mas todas as pessoas do mundo juntas.

Obviamente, o Anticristo está enraizado no fundo de cada pessoa e se expressa de forma múltipla.

O intelecto, posto a serviço do espírito, é útil; o intelecto, divorciado do espírito, é inútil.

Do intelectualismo sem espiritualidade surgem os velhacos, viva expressão do Anticristo.

Obviamente, o velhaco, em si mesmo e por si mesmo, é o Anticristo. Desgraçadamente, o mundo atual, com todas suas tragédias e misérias, é governado pelo Anticristo.

O estado caótico em que se encontra a humanidade atual se deve, indubitavelmente, ao Anticristo.

O “iníquo”, de quem Paulo de Tarso fala em suas epístolas, é certamente a crua realidade destes tempos.

O iníquo já veio, e hoje se manifesta por toda parte; tem o dom da ubiquidade. Discute nos cafés, faz negociações na ONU, senta-se comodamente em Genebra, realiza experimentos de laboratório, inventa bombas atômicas, foguetes teleguiados, gases asfixiantes, bombas bacteriológicas, etc.

O Anticristo, fascinado por seu próprio intelectualismo, exclusividade absoluta dos sabichões modernos, crê que conhece todos os fenômenos da natureza.

Julgando-se onisciente, o Anticristo, engarrafado na podridão de suas teorias, rechaça de cara tudo que se assemelhe a Deus ou que se O adore.

A auto-suficiência do Anticristo, o orgulho e a soberba que possui são algo insuportável.

O Anticristo odeia mortalmente as virtudes cristãs da fé, da paciência e da humildade.

Todo joelho se dobra diante do Anticristo. Obviamente, este inventou aviões supersônicos, navios maravilhosos, faiscentes automóveis, medicamentos surpreendentes, etc. Nessas condições, quem pode duvidar do Anticristo?

Quem se atrever, nos tempos atuais, a se pronunciar contra todos esses milagres e prodígios do filho da perdição, condena-se a ser alvo da zombaria de seus semelhantes, do sarcasmo, da ironia e a ser qualificado de estúpido e ignorante.

Custa trabalho fazer com que as pessoas sérias e estudiosas entendam isso; elas reagem ou opõem resistência.

É claro que o animal intelectual equivocadamente chamado homem é um robô programado desde o jardim de infância, passando pelo curso primário e secundário, até chegar à universidade.

Ninguém pode negar que um robô programado funciona de acordo com o programa; mas deixaria de operar se tirássemos o programa.

O Anticristo elaborou o software com o qual se programam os robôs humanóides destes tempos decadentes.

Fazer esses esclarecimentos, pôr ênfase no que estou dizendo, torna-se espantosamente difícil por estar fora do programa aceito por todos; nenhum robô humanóide admite coisas que estão fora do programa que receberam.

É tão grave essa questão e são tão tremendos os condicionamentos da mente que um robô humanóide qualquer, de modo algum, nem remotamente, suspeitaria que o programa não lhe serve, pois foi condicionado de acordo com o programa; duvidar do mesmo lhe pareceria uma heresia, algo incongruente e absurdo.

Que um robô duvide de seu programa é um despropósito, algo absolutamente impossível, pois sua mesmíssima existência se deve ao programa.

Infelizmente, as coisas não são como pensa o robô humanóide; existe outra ciência, outra sabedoria inaceitável para os robôs humanóides.

Reage o humanóide robô e tem razão em reagir, pois não foi programado para outra ciência, nem para outra cultura, nem para nada diferente do seu conhecido programa.

O Anticristo elaborou os programas [os softwares] do robô humanóide. O robô se prosterna humildemente ante seu amo. Como poderia duvidar da sapiência de seu amo?

A criança nasce inocente e pura. A Essência, expressando-se em cada criatura, é realmente preciosa.

Inquestionavelmente, a natureza deposita no cérebro dos recém-nascidos todos esses dados selvagens, naturais, silvestres, cósmicos, espontâneos, indispensáveis para a captura ou apreensão das verdades contidas em qualquer fenômeno natural perceptível para os sentidos.

Isso significa que a criança recém-nascida poderia, por si mesma, descobrir a realidade de cada fenômeno natural. Infelizmente, o programa do Anticristo interfere, e as maravilhosas qualidades que a natureza depositou no cérebro do recém-nascido, são logo destruídas.

O Anticristo proíbe pensar de forma diferente. Toda criatura que nasce, por ordem do Anticristo, deve ser programada [para ser máquina de produção e de consumo].

Não há dúvida que o Anticristo odeia mortalmente aquele precioso sentido do Ser, conhecido como “faculdade de percepção instintiva das verdades cósmicas”.

Ciência pura, distinta de toda essa podridão de teorias universitárias que existe por aí, é algo inadmissível para os robôs do Anticristo.

Muitas guerras, fomes e doenças o Anticristo propagou em toda a face do planeta; não há dúvida que as seguirá propagando até a chegada da catástrofe final [calculada pelos maias para dezembro de 2012].

Infelizmente chegou a hora da grande apostasia anunciada por todos os profetas, e nenhum ser humano se atreveria a se pronunciar contra o Anticristo.

CAPÍTULO 10

O EU PSICOLÓGICO



Esta questão do mim mesmo, o que eu sou, isso que pensa, sente e atua, é algo que devemos auto-explorar para nos conhecermos profundamente.

Existem por toda parte lindas teorias que atraem e fascinam, porém tudo isso de nada serve se não nos conhecermos.

É fascinante estudar astronomia ou se distrair um pouco lendo obras sérias; no entanto, chega a ser irônico converter-se em erudito e não saber nada sobre si mesmo, sobre o ‘si mesmo’ e sobre a personalidade humana que possuímos.

Cada qual é livre para pensar o que quiser. A razão subjetiva do animal intelectual equivocadamente chamado homem, serve para tudo; tanto pode fazer de uma pulga um cavalo, como de um cavalo uma pulga. São muitos os intelectuais que vivem jogando com o raciocínio, mas, e daí?

Ser erudito não significa ser sábio. Os ignorantes ilustrados abundam como erva daninha e não apenas não sabem como nem sequer sabem que não sabem.

Entenda-se por “ignorantes ilustrados” os sabichões que pensam que sabem, mas sequer conhecem a si mesmos.

Poderíamos teorizar maravilhosamente sobre o eu da psicologia, mas não é exatamente isso o que nos interessa neste capítulo.

Necessitamos conhecer a nós mesmos pela via direta, sem o deprimente processo da opção.

De modo algum isso é possível se não nos auto-observarmos em ação, de instante a instante, de momento a momento.

Não se trata de ver-nos através de alguma teoria ou de uma simples especulação intelectual.

Ver-nos diretamente tal qual somos é o interessante; só assim poderemos chegar ao conhecimento verdadeiro de nós mesmos.

Ainda que pareça incrível estamos equivocados a respeito de nós mesmos.

Muitas coisas que cremos não ter, temos; e muitas que cremos ter, não temos.

Formamos falsos conceitos sobre nós mesmos e devemos fazer um inventário para saber o que nos sobra e o que nos falta.

Supomos que temos tais ou quais qualidades que na realidade não temos; muitas virtudes que possuímos, certamente ignoramos.

Somos pessoas adormecidas, inconscientes, e isso é grave. Infelizmente pensamos o melhor de nós mesmos e nem sequer suspeitamos estarmos adormecidos.

As sagradas escrituras insistem na necessidade de despertar, mas não explicam o sistema para conseguir esse despertar.

O pior de tudo é que são muitos os que leram as sagradas escrituras e nem sequer entenderam que estão adormecidos.

Todo mundo pensa que conhece a si mesmo e nem remotamente suspeita que existe a “doutrina dos muitos”.

Realmente, o eu psicológico de cada um é múltiplo; sobrevém sempre como muitos.

Com isso queremos dizer que temos muitos “eus”, e não apenas um ego, como supõem os ignorantes ilustrados.

Negar a “doutrina dos muitos” é se fingir de bobo para si mesmo; pois, de fato, seria o cúmulo de tudo ignorar as contradições íntimas que cada um de nós possui.

“Vou ler o jornal”, diz o eu do intelecto; “ao diabo com tal leitura”, exclama o eu do movimento; “prefiro dar um passeio de bicicleta”. “Que passeio, que nada!” grita um terceiro em discórdia; “prefiro comer, tenho fome”.

Se pudéssemos nos ver num espelho de corpo inteiro tal como somos, descobriríamos por nós mesmos, em forma direta, a doutrina dos muitos.

A personalidade humana é tão somente uma marionete controlada por fios invisíveis.

O eu que hoje jura amor eterno à Gnose, mais tarde é substituído por outro eu que nada tem a ver com o juramento; então a pessoa se retira.

O eu que hoje jura amor eterno a uma mulher, mais tarde é substituído por outro que nada tem a ver com esse juramento; então o sujeito em questão se enamora de outra, e o castelo de cartas vem abaixo.

O “animal intelectual”, equivocadamente chamado homem, é como uma casa cheia de gente.

Não existe ordem nem concordância alguma entre os múltiplos eus; todos brigam entre si e disputam a supremacia. Quando um deles consegue o controle dos centros capitais da máquina orgânica, sente-se o único, o amo; porém acaba sendo derrubado em seguida.

Considerando as coisas deste ponto de vista, chegamos à conclusão lógica de que o “mamífero intelectual” não tem verdadeiro sentido de responsabilidade moral.

Indiscutivelmente, o que a máquina humana faz ou diz num momento dado, depende exclusivamente do tipo de eu que nesses instantes está no controle.

Dizem que Jesus de Nazaré expulsou do corpo de Maria Madalena sete demônios, sete eus – viva personificação dos sete pecados capitais.

É óbvio que cada um desses sete demônios é cabeça de legião; daí que devemos estabelecer como corolário que o Cristo Íntimo pôde expulsar do corpo da Madalena milhares de Eus.

Refletindo em todas essas coisas podemos inferir claramente que a única coisa digna que nós possuímos em nosso interior é a ESSÊNCIA.

Infelizmente, a Essência se encontra enfrascada [engarrafada] entre todos estes múltiplos eus da Psicologia Revolucionária.

É lamentável que a Essência aja sempre em virtude de seu próprio condicionamento.

Indiscutivelmente, a Essência, que é a mesma coisa que a consciência, dorme profundamente.

CAPÍTULO 11

AS TREVAS



Uma das questões mais complexas da nossa época é, precisamente, o intrincado labirinto das teorias.

Indubitavelmente, por estes tempos se multiplicaram em todas as partes e de forma exorbitante as escolas pseudo-esotéricas e pseudo-ocultistas.

O comércio de almas, de livros e de teorias é pavoroso; raro é aquele que, no emaranhado de tantas idéias contraditórias, consiga achar o verdadeiro caminho secreto.

O mais grave de tudo isso é a fascinação intelectual; existe a tendência de se nutrir estritamente de forma intelectual com tudo que chega à mente.

Os vagabundos da mente já não se contentam com toda essa literatura subjetiva em geral, que abunda nos mercados de livros; agora, para o cúmulo de tudo, também se empanturram e se congestionam com o pseudo-esoterismo e o pseudo-ocultismo barato, presentes em todas as partes como erva daninha. O resultado de tudo isso é a confusão e a desorientação clara e manifesta dos velhacos do intelecto.

Constantemente recebo cartas e livros de toda espécie. Os remetentes, como sempre, interrogam-me sobre esta ou aquela escola, sobre tal ou qual livro. Limito-me a responder o seguinte: “Deixe de ociosidade mental; você não tem porque se importar com a vida alheia; desintegre o eu animal da curiosidade; não se preocupe com as escolas alheias; torne-se sério, conheça a si mesmo, estude a si mesmo, observe a si mesmo”, etc.

Realmente, o importante é conhecer a si mesmo profundamente, em todos os níveis da mente.

As trevas são a inconsciência; a luz é a consciência. Devemos permitir que a luz penetre em nossas próprias trevas. Obviamente, a luz tem o poder de desfazer as trevas.

Infelizmente, as pessoas se encontram auto-encerradas dentro do ambiente fétido e imundo de sua própria mente, adorando seu querido ego.

As pessoas não querem se dar conta que não são donas de sua própria vida; certamente, cada pessoa está controlada internamente por muitas outras pessoas. Quero me referir de forma enfática a toda essa multiplicidade de eus que trazemos dentro.

Evidentemente cada um desses eus põe em nossa mente o que devemos pensar; em nossa boca o que devemos dizer; no coração o que devemos sentir, etc.

Nessas condições, a personalidade humana não é mais que um robô governado por diferentes pessoas que disputam a supremacia e que aspiram ao supremo controle dos centros capitais da máquina orgânica.

Em nome da verdade afirmamos solenemente que o pobre “animal intelectual”, equivocadamente chamado homem, ainda que se creia muito equilibrado, vive em um completo desequilíbrio psicológico.

O mamífero intelectual de modo algum é unilateral; se o fosse, seria equilibrado.

O “animal intelectual” é, desgraçadamente, multilateral, e isso está cabalmente demonstrado. Como poderia ser equilibrado o humanóide racional?

Para que exista equilíbrio perfeito é preciso ter a consciência desperta.

Só a luz da consciência, dirigida em forma plena e central sobre nós mesmos, pode acabar com os contrastes, as contradições psicológicas e estabelecer em nós o verdadeiro equilíbrio interior.

Se dissolvermos todo esse conjunto de eus que trazemos em nosso interior, virá o despertar da consciência; como seqüência ou corolário, o equilíbrio verdadeiro de nossa própria mente.

Infelizmente, as pessoas não querem se dar conta da inconsciência em que vivem; dormem profundamente.

Se as pessoas estivessem despertas, cada qual sentiria seu semelhante em si mesmo. Se as pessoas estivessem despertas, nosso semelhante nos sentiria em seu interior.

Então, obviamente, as guerras não existiriam e a terra inteira seria, em verdade, um paraíso.

A luz da consciência, dando-nos verdadeiro equilíbrio psicológico, vem a estabelecer cada coisa em seu lugar; assim, o que antes entrava em conflito íntimo conosco, passaria para o seu lugar adequado.

É tal a inconsciência das multidões que sequer são capazes de encontrar a relação existente entre luz e consciência.

Inquestionavelmente, luz e consciência são dois aspectos da mesma coisa; onde há luz, há consciência.

A inconsciência é trevas, e essas últimas existem em nosso interior.

Só mediante a auto-observação psicológica permitimos que a luz penetre em nossas próprias trevas.

“A luz veio às trevas, mas as trevas não a compreenderam”.

CAPÍTULO 12

AS TRÊS MENTES



Em todos os lugares existem intelectuais mistificadores, destituídos de orientação positiva e envenenados pelo asqueroso ceticismo.

Certamente, o abominável veneno do ceticismo contagiou as mentes humanas de forma alarmante desde o século XVIII.

Antes dessa época, a famosa ilha “*Nontrabada*” ou “*Encoberta*”, situada frente às costas da Espanha, se fazia visível e tangível constantemente.

Sem dúvida, essa ilha se encontra situada dentro da “quarta dimensão”. Muitas são as lendas relacionadas a essa ilha misteriosa. Mas depois do século XVIII essa ilha desapareceu na eternidade e ninguém mais sabe nada sobre ela.

Na época do Rei Arthur e dos cavaleiros da Távola Redonda, os elementais da natureza se manifestavam por toda parte, penetrando profundamente dentro de nossa atmosfera física. Muitos são os relatos sobre duendes, gênios e fadas que ainda existem na verde Erim, na Irlanda.

Infelizmente, todas essas coisas inocentes, toda essa beleza da alma do mundo, já não são mais percebidas pela humanidade devido aos intelectuais sabichosos e ao desenvolvimento desmesurado do ego animal.

Hoje em dia os sabichões se riem de todas essas coisas; não as aceitam, mesmo que no fundo, nem remotamente, tenham alcançado a felicidade.

Se as pessoas entendessem que temos três mentes, outro galo anunciaria o dia; possivelmente até se interessariam mais por esses estudos.

Desgraçadamente, os ignorantes ilustrados, metidos nos becos de suas erudições complicadas, sequer têm tempo para se ocupar seriamente com nossos estudos.

Essas pobres pessoas são auto-suficientes. Acham-se envaidecidas com esse intelectualismo inútil. Pensam que estão seguindo pelo caminho certo, e nem remotamente supõem que se encontram metidas numa rua sem saída.

Em nome da verdade devemos dizer que, em síntese, temos três mentes: a primeira podemos e devemos chamá-la de **mente sensorial**; a segunda batizaremos com o nome de **mente intermediária** e a terceira chamaremos de **mente interior**.

Vamos agora estudar cada uma destas três mentes em separado e de forma criteriosa.

A **Mente Sensorial**, indiscutivelmente elabora seus conceitos mediante as percepções sensoriais externas. Nessas condições, a mente sensorial é terrivelmente grosseira e materialista, e não pode aceitar nada que não tenha sido demonstrado fisicamente. Como os conceitos da mente sensorial têm por fundamento os dados sensoriais externos, é óbvio que esta nada pode saber sobre o Real, sobre a Verdade, sobre os mistérios da vida e da morte, sobre a alma e o espírito, etc. Para os intelectuais aprisionados totalmente pelos sentidos externos e engarrafados nos conceitos da mente sensorial, nossos estudos esotéricos parecem loucura. E dentro da razão dos sem razão, no mundo do [descabido e do] descabelado, eles têm razão porque foram condicionados pelo mundo sensorial externo. Como poderia a mente sensorial aceitar algo que não seja sensorial? Se os dados dos sentidos servem de mola secreta para todos os processos de funcionamento da mente sensorial, é óbvio que só podem originar conceitos sensoriais.

A **Mente Intermediária** é diferente, embora também nada saiba de forma direta sobre o Real. Limita-se a crer; isso é tudo. Na mente intermediária estão as crenças religiosas, os dogmas inquebrantáveis, etc.

A **Mente Interior** é fundamental para a experiência direta da verdade. Sem dúvida, a mente interior elabora seus conceitos com os dados proporcionados pela Consciência Superlativa do Ser. Inquestionavelmente, a consciência pode vivenciar e experimentar o Real. Não há dúvida que a consciência sabe da Verdade. Contudo, para sua manifestação, a consciência necessita de um mediador, um instrumento de ação: este é a mente interior.

A consciência conhece diretamente a realidade de cada fenômeno natural e pode manifestá-la mediante a mente interior. Abrir a mente interior é o mais indicado para sair do mundo das dúvidas e da ignorância. Isso significa que só abrindo a mente interior nasce a fé autêntica no ser humano.

Olhando essa questão de outro ângulo, diremos que o ceticismo materialista é a característica peculiar da ignorância. Não há dúvida que os ignorantes ilustrados são cem por cento céticos.

A fé é a percepção direta do Real, sabedoria fundamental e vivência disso que está além do corpo, dos afetos e da mente. Distinga-se entre fé e crença. As crenças se encontram depositadas na mente intermediária; a fé é característica da mente interior.

Infelizmente, existe sempre a tendência geral de confundir crença com fé. Ainda que pareça paradoxal, enfatizaremos o seguinte: “Aquele que tem fé verdadeira não precisa crer”.

É que a fé autêntica é sabedoria vivida, cognição exata, experiência direta. Ocorre que durante muitos séculos confundiu-se a fé com a crença, e agora custa muito trabalho fazer com que as pessoas compreendam que a fé é sabedoria verdadeira, e jamais crenças vagas.

O sábio funcionamento da mente interior tem, como recursos íntimos, todos esses dados formidáveis da sabedoria contida na consciência. Quem abriu a mente interior recorda suas vidas anteriores, conhece os mistérios da vida e da morte, não pelo que tenha lido ou deixado de ler; não por que alguém haja dito ou deixado de dizer; não por que tenha acreditado ou deixado de acreditar, mas por experiência direta, vivida, terrivelmente real.

Isto que estamos dizendo não é do gosto da mente sensorial, porque sai de seus domínios; nada tem a ver com as percepções sensoriais externas; é algo alheio a seus conceitos, ao que lhe ensinaram na escola, ao que aprendeu em distintos livros, etc. Tampouco isso que estamos dizendo é aceito pela mente intermediária porque de fato contraria suas crenças, desvirtua o que seus preceptores religiosos lhe fizeram aprender de memória, etc.

Jesus, o Grande Kabir, adverte seus discípulos dizendo: “Cuidai-vos da levedura dos saduceus e da levedura dos fariseus”.

É evidente que Jesus, o Cristo, com esta advertência, referiu-se às doutrinas dos materialistas saduceus e dos hipócritas fariseus. A doutrina dos saduceus está na mente sensorial; é a doutrina dos cinco sentidos.

A doutrina dos fariseus encontra-se situada na mente intermediária; isto é irrefutável e irrefutável. É evidente que os fariseus comparecem a seus ritos para que os outros os vejam, para que se diga que são boas pessoas, para manter as aparências, mas nunca trabalham sobre si mesmos.

Não seria possível abrir a mente interior se não aprendêssemos a pensar psicologicamente. Inquestionavelmente, quando alguém começa a observar a si mesmo, é sinal que começou a pensar psicologicamente.

Enquanto não admitamos a realidade de nossa própria psicologia e a possibilidade de mudá-la fundamentalmente, não sentiremos a necessidade da auto-observação psicológica.

Quando alguém aceita a doutrina dos muitos e compreende a necessidade de eliminar os diversos “eus” que carrega em sua mente, com o propósito de liberar a consciência ou a Essência, indubitavelmente inicia de fato e por direito próprio a auto-observação psicológica.

Obviamente, a eliminação dos elementos indesejáveis que trazemos em nossa mente origina a abertura da mente interior.

Tudo isto significa que a citada abertura é algo que se realiza de forma gradativa, à medida que formos aniquilando os elementos indesejáveis que temos em nossa mente.

Quem eliminou cem por cento dos elementos indesejáveis de seu interior, obviamente também terá aberto sua mente interior em cem por cento. Uma pessoa assim possuirá fé absoluta. Agora poderemos compreender as palavras do Cristo, quando disse: “Se tivésseis fé do tamanho de um grão de mostarda moveríeis montanhas”.

A MEMÓRIA-TRABALHO



É inquestionável que cada pessoa tem sua própria psicologia particular. Isso é algo irrefutável, insofismável, irrefutável. Infelizmente, as pessoas nunca pensam nisso, e muitos nem aceitam, porque se acham aprisionados na mente sensorial.

Qualquer um admite a realidade do corpo físico porque pode vê-lo e apalpá-lo. Porém, a psicologia é algo diferente; não é perceptível para os cinco sentidos. Por isso, a tendência geral é rechaçá-la ou, simplesmente, subestimá-la e depreciá-la, qualificando-a como algo sem importância.

Sem dúvida, quando alguém começa a se auto-observar, é sinal inequívoco que aceitou a tremenda realidade de sua própria psicologia. É claro que ninguém tentará se auto-observar se não encontrar antes um bom motivo.

Obviamente, quem inicia a auto-observação se transforma numa pessoa bem diferente das demais. Efetivamente, indica a possibilidade de uma mudança. Infelizmente, as pessoas não querem mudar; contentam-se com o estado em que vivem.

Causa dor ver como as pessoas nascem, crescem, se reproduzem como animais, sofrem o indizível e morrem sem saber por que.

Mudar é algo fundamental; porém, isso é impossível sem auto-observação psicológica. É necessário começar a ver a si mesmo com o propósito de se autoconhecer, pois, na verdade, o humanoíde racional não conhece a si mesmo.

Quando descobrimos um defeito psicológico, de fato damos um grande passo, porque isso nos permite estudá-lo e até eliminá-lo radicalmente.

Em verdade, nossos defeitos psicológicos são inumeráveis. Ainda que tivéssemos muitas línguas para falar, não conseguiríamos enumerá-los totalmente.

O grave de tudo isso é que não sabemos medir o espantoso realismo de um defeito. Sempre o vemos de forma inútil, superficial, sem dar a devida atenção; vemos nossos defeitos como algo sem importância.

Mas, quando aceitamos a “doutrina dos muitos”, quando entendemos a crua realidade dos sete demônios, que Jesus, o Cristo, tirou do corpo de Maria Madalena, é evidente que nosso modo de pensar, em relação aos defeitos psicológicos, sofre uma mudança fundamental.

Não é demais afirmar, de forma enfática, que a doutrina dos muitos é de origem cem por cento tibetana e gnóstica.

Na verdade, não é nada agradável saber que dentro de nós vivem centenas ou milhares de [outras] pessoas psicológicas.

Cada defeito psicológico é uma pessoa diferente que vive [e mora] dentro de nós mesmos, aqui e agora.

Os sete demônios que o Grande Mestre Jesus, o Cristo, expulsou do corpo de Maria Madalena, são os sete pecados capitais: Ira, Cobiça, Luxúria, Inveja, Orgulho, Preguiça e Gula.

Naturalmente, cada um desses demônios, em separado, é cabeça de legião.

No velho Egito dos Faraós, o Iniciado deveria eliminar de sua natureza interior os demônios vermelhos de Seth, caso quisesse obter o despertar da consciência.

Visto o realismo dos defeitos psicológicos, o Aspirante deseja mudar; já não quer continuar no estado em que vive, com tanta gente vivendo dentro de sua mente; então inicia a auto-observação.

À medida que nós progredimos no trabalho interior, podemos verificar, por nós mesmos, um ordenamento muito interessante no sistema de eliminação.

Assombramo-nos quando descobrimos ordem no trabalho relacionado à eliminação dos múltiplos agregados psíquicos, que personificam nossos erros.

O interessante de tudo isso é que tal ordem, na eliminação de defeitos, se realiza de forma gradativa e se processa de acordo com a dialética da consciência.

Nunca, jamais, poderia a dialética racional superar o formidável trabalho da dialética da consciência.

Os fatos vão demonstrando que o ordenamento psicológico, no trabalho da eliminação dos defeitos, é estabelecido por nosso próprio Ser interior profundo.

Devemos esclarecer que existe uma diferença radical entre o “ego” e o “Ser”. O ego jamais poderia estabelecer ordem em questões psicológicas, pois ele, em si mesmo, é o resultado da desordem.

Só o Ser tem o poder de estabelecer a ordem em nossa mente. O Ser é o Ser e a razão de ser do Ser é o mesmo Ser.

O ordenamento no trabalho de auto-observação, julgamento e eliminação de nossos agregados psíquicos, é evidenciado pelo sentido judicioso da auto-observação psicológica.

Em todos os seres humanos se acha o sentido da auto-observação psicológica em estado latente; mas, ele se desenvolve de forma gradativa, à medida que o utilizamos.

Tal sentido nos permite perceber diretamente – e não mediante simples associações intelectuais – os diversos “eus” que vivem dentro de nossa mente.

A questão das percepções extra-sensoriais começa a ser estudada no terreno da parapsicologia, e de fato, foi demonstrada em múltiplos experimentos que foram realizados de modo criterioso através do tempo, sobre os quais existe muita documentação.

Aqueles que negam a realidade das percepções extra-sensoriais são cem por cento ignorantes; não passam de velhacos da mente, enfrascados na mente sensual.

No entanto, o sentido da auto-observação psicológica é algo mais profundo; vai muito além dos simples enunciados parapsicológicos; permite-nos a auto-observação íntima e a plena verificação do tremendo realismo subjetivo de nossos diversos agregados.

O ordenamento sucessivo das diversas partes do trabalho, relacionadas com o tema tão grave da eliminação dos agregados psicológicos, permite-nos inferir uma “memória-trabalho” muito interessante e até muito útil na questão do desenvolvimento interior.

Esta “memória-trabalho” pode nos fornecer diferentes fotografias psicológicas das diversas etapas da vida passada, as quais, reunidas em sua totalida-

de, fornecem à nossa imaginação uma estampa viva, e até repugnante, do que fomos antes de iniciar o trabalho da psicotransformação radical.

Não há dúvida que [uma vez percebido isso] jamais desejaríamos regressar a essa horrorosa figura, viva representação do que fomos.

Desse ponto de vista, essa fotografia psicológica é bem útil como meio de confrontação entre o presente, transformado, e um passado regressivo, rançoso, infame e infeliz.

A “memória-trabalho” é escrita sempre à base de sucessivos eventos psicológicos registrados pelo centro de auto-observação psicológica.

Em nossa mente existem elementos indesejáveis que nem remotamente suspeitamos. Que um homem honrado, incapaz jamais de tomar algo alheio, correto e digno de toda honra, descubra de forma insólita uma série de “eus” ladrões habitando nas zonas mais profundas de sua própria mente, é algo espantoso, mas não impossível.

Que uma magnífica esposa, cheia de grandes virtudes, ou uma jovem de grande espiritualidade e refinada educação, mediante o sentido da auto-observação psicológica, descubra de forma inusitada que em sua mente profunda vive um grupo de “eus prostitutas”, torna-se algo asqueroso e até inaceitável para o centro intelectual ou o sentido moral de qualquer cidadão. Mas tudo isso é possível dentro do terreno da auto-observação psicológica.

COMPREENSÃO CRIADORA



O “Ser” e o “Saber” devem se equilibrar mutuamente a fim de estabelecer em nossa mente a luz da compreensão.

Quando o Saber é maior do que o Ser nasce a confusão intelectual de toda espécie. Se o Ser é maior que o Saber podem surgir casos tão graves como o do “santo estúpido”.

No terreno da vida prática convém que nos auto-observemos com o objetivo de nos autodescobrirmos. É precisamente a vida prática o ginásio psicológico, mediante o qual podemos descobrir nossos defeitos.

Em estado de alerta percepção, alerta novidade, poderemos verificar diretamente que os defeitos escondidos afloram espontaneamente.

É claro que o defeito descoberto deve ser trabalhado conscientemente com o propósito de apartá-lo de nossa mente.

Antes de tudo não devemos nos identificar com nenhum eu – defeito se é que em realidade desejamos eliminá-lo.

Quando estamos de pé sobre uma tábua e desejamos levantá-la para colocá-la encostada em uma parede, isso não seria possível se continuássemos de pé sobre a mesma.

Obviamente devemos começar por separar a tábua de nós mesmos, saindo de cima da mesma, e logo, com nossas mãos, levantar a tábua e colocá-la encostada na parede.

Então, da mesma forma não devemos nos identificar com nenhum agregado psíquico se é que de verdade desejamos separá-lo de nossa mente.

Quando nos identificamos com tal ou qual eu em vez de desintegrá-lo, estamos fortalecendo-o.

Vamos supor que um eu qualquer de luxúria se aposse dos filmes que temos no centro intelectual para projetar na tela da mente cenas de lascívia e de morbosidade sexual. Se nos identificarmos com tais quadros luxuriosos, sem dúvida que esse eu luxurioso se fortificará tremendamente.

Mas se nós, ao invés de nos identificarmos com essa entidade, a separarmos de nossa mente, considerando-a como um demônio intruso, obviamente haverá surgido em nossa intimidade a compreensão criadora. Posteriormente, poderemos nos dar ao luxo de julgar analiticamente tal agregado com o propósito de fazer-nos plenamente conscientes do mesmo.

O grave erro das pessoas consiste precisamente na identificação; isso é o lamentável. Se as pessoas conhecessem a doutrina dos muitos, se de verdade entendessem que nem sua própria vida lhes pertence, então não cometeriam o erro da identificação.

Cenas de ira, quadros de ciúmes, etc., no terreno da vida prática se tornam úteis quando nos encontramos em constante auto-observação psicológica. Então, podemos comprovar que nem nossos pensamentos, nem nossos desejos, nem nossas ações nos pertencem.

Não há dúvida que muitos egos participam como intrusos indesejados, criando pensamentos em nossa mente, emoções em nosso coração e atos em nosso centro motor.

É lamentável que não sejamos donos de nós mesmos; que diversas entidades psicológicas façam de nós o que querem.

Infelizmente, nem remotamente suspeitamos o que nos sucede, e atuamos como simples marionetes controladas por fios invisíveis.

O pior de tudo isso é que, em vez de lutar para nos libertarmos de todas estas entidades secretas, cometemos o erro de fortalecê-las, e isso acontece quando nos identificamos com elas.

Qualquer cena de rua, qualquer drama familiar, qualquer briga banal entre cônjuges, sem dúvida, é devida a esse ou aquele ego, e isso é algo que jamais poderemos ignorar.

A vida prática é o espelho psicológico, onde podemos nos ver tal como somos. Mas, antes de tudo, devemos compreender a necessidade de nos percebermos, bem como a necessidade de mudarmos radicalmente. Somente assim teremos vontade de nos observarmos realmente.

Quem se contenta com o estado em que vive, o néscio, o retardatário, o negligente, esse nunca sentirá anelos de mudança ou de se ver a si mesmo; sempre irá se querer muito e de forma alguma estará disposto a revisar sua conduta e seu modo de ser.

De forma clara diremos que, em algumas comédias, dramas e tragédias da vida prática, intervêm vários eus que necessitamos compreender.

Em qualquer cena de ciúmes passionais entram em jogo egos de luxúria, ira, amor próprio, ciúmes, etc., que posteriormente deverão ser julgados, de forma analítica, cada um em separado, a fim de compreendê-los na íntegra com o evidente propósito de eliminá-los totalmente.

A compreensão é algo bem elástico. Por isso necessitamos penetrar cada vez mais profundamente [em nossa mente]. O que hoje compreendemos de um modo, amanhã o compreenderemos melhor, de outro modo.

Olhando as coisas desse ângulo, podemos verificar por nós mesmos quão úteis são as diversas circunstâncias da vida quando de verdade as utilizamos como espelho para o autodescobrimento.

De modo algum poderíamos afirmar que os dramas, comédias e tragédias da vida prática se apresentam sempre de forma bela e perfeita. Isso seria algo despropositual.

No entanto, por absurdas que sejam as diversas situações da existência, se tornam maravilhosas como ginásio psicológico.

O trabalho relacionado com a dissolução dos diversos elementos, que constituem o mim mesmo, acaba se tornando espantosamente difícil.

Entre a cadência do verso também se esconde o delito. Entre o perfume delicioso dos templos se esconde o delito.

O delito às vezes se torna tão refinado que se confunde com a santidade, e tão cruel que chega a se parecer com a doçura.

O delito se reveste com a toga do juiz, com a túnica do mestre, com os andrajos do mendigo, com o terno do senhor e até com a túnica do Cristo.

Compreensão é fundamental; mas, no trabalho de dissolução dos agregados psíquicos, não é tudo, como veremos no capítulo seguinte.

Torna-se urgente e inadiável fazermo-nos conscientes de cada eu, para poder apartá-lo de nossa mente. Mas isso não é tudo: ainda falta alguma coisa (ver Capítulo 16).

CAPÍTULO 15

KUNDALINI



Chegamos a um ponto bem delicado. Quero me referir à questão da Kundalini, a Serpente Ígnea de Nossos Mágicos Poderes, citada em muitos textos da sabedoria oriental.

Indubitavelmente, sobre Kundalini há muita documentação; é algo que vale a pena investigar.

Nos textos da alquimia medieval, Kundalini é o signo astral do esperma sagrado, Stella Maris, a Virgem do Mar, que guia sabiamente os trabalhadores da Grande Obra.

Entre os astecas, é Tonantzin; entre os gregos, Diana; no Egito, é Ísis, a Mãe Divina, a quem nenhum mortal levantou o véu.

Não há dúvida alguma que o Cristianismo Esotérico jamais deixou de adorar a Divina Mãe Kundalini; obviamente, Ela é Marah ou, melhor dizendo, Ram-Io, Maria.

O que não especificaram as religiões ortodoxas, pelo menos no que corresponde ao círculo exotérico ou público, é o aspecto de Ísis, em sua forma individual, humana.

É evidente que, só em segredo, se ensinou aos Iniciados que essa Divina Mãe existe, individualmente, dentro de cada ser humano.

Não é demais esclarecer, de forma enfática, que Deus-Mãe, Rhéa, Cibele, Adonia, ou como queiramos chamá-la, é uma variante de nosso próprio Ser individual, aqui e agora.

Concretizando, diremos que cada um de nós tem sua própria Mãe Divina particular, individual.

Há tantas Mães no céu quantas criaturas existem sobre a face da Terra.

Kundalini é a energia misteriosa que faz existir em nosso mundo um aspecto de *Brahman*.

Em seu aspecto psicológico, manifesto na anatomia oculta do ser humano, Kundalini se encontra enroscada três vezes e meia dentro de certo centro magnético, localizado no osso coccígeo.

Ali descansa, intumescida, como qualquer serpente, a Divina Princesa.

No centro daquele chakra ou estância existe um triângulo feminino ou *Yoni*, onde está estabelecido um *Lingham* masculino.

Neste *Lingham* atômico ou mágico, que representa o poder criador sexual de *Brahman*, enrosca-se a sublime serpente Kundalini.

A Rainha Ígnea, em sua figura de serpente, desperta com o *secretum secretorum* de certo artifício alquimista que ensinei claramente em minha obra **O Mistério do Áureo Florescer**.

Inquestionavelmente, quando esta Divina Força desperta, sobe vitoriosa pelo canal medular espinhal, para desenvolver em nós os poderes que divinizam.

Em seu aspecto transcendental, divino, sublime, a Serpente Sagrada, transcendendo ao meramente fisiológico, anatômico, em seu estado étnico é, como já disse, nosso próprio Ser, porém derivado.

Não é meu propósito ensinar, nesta obra, a técnica para o despertar da Serpente Sagrada.

Só quero enfatizar a crua realidade do ego e a urgência interior relacionada com a dissolução de seus diversos elementos animais.

A mente, por si mesma, não pode alterar radicalmente nenhum defeito psicológico.

A mente pode rotular um defeito qualquer, passá-lo de um nível ao outro, escondê-lo de si mesma ou dos demais, desculpá-lo, etc., mas nunca eliminá-lo.

Compreensão é uma parte fundamental; porém, não é tudo: necessita-se eliminar. Defeito observado deve ser analisado e compreendido de forma integral antes de proceder à sua eliminação.

Necessitamos de um poder superior à mente, de um poder capaz de desintegrar atômicamente qualquer eu – defeito que previamente tenhamos descoberto e julgado profundamente.

Felizmente, tal poder subjaz profundamente, bem além do corpo, dos afetos e da mente, ainda que tenha seus expoentes concretos no osso do centro coccígeo, como já o explicamos em parágrafos anteriores no presente capítulo.

Depois de haver compreendido integralmente qualquer eu – defeito devemos submergir em meditação profunda, suplicando, orando, pedindo a nossa Divina Mãe particular, individual, para que desintegre o eu – defeito previamente compreendido.

Esta é a técnica precisa, requerida para a eliminação dos elementos indesejáveis, que estão em nosso interior.

A Divina Mãe Kundalini tem poder para reduzir a cinzas qualquer agregado psíquico subjetivo, bestial.

Sem essa didática, sem esse procedimento, todo esforço para a dissolução do ego torna-se infrutífero, inútil, absurdo.

CAPÍTULO 16

NORMAS INTELECTUAIS



No terreno da vida prática cada pessoa tem seu critério, sua forma mais ou menos rançosa de pensar e nunca se abre ao novo. Isso é irrefutável, irrefutável, incontroverso.

A mente do humanóide intelectual está degenerada, deteriorada, em franco estado de involução.

Realmente, o entendimento da humanidade atual é similar a uma velha estrutura mecânica, inerte e caduca, incapaz por si mesma de qualquer fenômeno de elasticidade autêntica.

Falta flexibilidade à mente enfrascada em múltiplas normas rígidas e antiquadas. Cada qual tem seu critério e determinadas normas rígidas, dentro das quais age e reage incessantemente.

O mais grave de tudo é que os milhares de critérios equivalem a outras milhares de normas apodrecidas e absurdas.

Em todo caso, as pessoas nunca se sentem equivocadas; cada cabeça é uma sentença. Não há dúvida que entre tantos recôncavos mentais existem muitos sofismas de distração e insuportável estupidez.

Mas o critério estreito das multidões nem remotamente suspeita sobre o aprisionamento intelectual em que se encontram. Essas pessoas modernas, com cérebro de barata, pensam de si mesmas o melhor; presumem-se de liberais e supergeniais; crêem que possuem critérios muito amplos.

Os ignorantes ilustrados se tornam os mais complicados, pois, na realidade, falando desta vez em estilo socrático, dizemos que “não somente não sabem como também não sabem que não sabem”.

Os velhacos da mente, aferrados a essas normas antiquadas e ultrapassadas, reagem violentamente em virtude de seu próprio condicionamento e se negam enfaticamente a aceitar algo que não se encaixe em suas normas de aço.

Acreditam os sabichões ilustrados que tudo aquilo, que por uma ou outra razão, saia do caminho rígido de seus enferrujados procedimentos, é cem por cento absurdo. Assim, desse modo, essas pobres pessoas de critério tão difícil se auto-enganam miseravelmente.

Os pseudo-sábios do nosso tempo se consideram gênios; vêem com desdém aqueles que têm o valor de se afastarem de suas normas carcomidas pelo tempo. O pior de tudo isso é que nem remotamente suspeitam da crua realidade de seu próprio retardo [intelectual].

A mesquinha intelectual das mentes rançosas é tal que até se dá ao luxo de exigir demonstrações sobre isso que é o Real, sobre isso que não é da mente. Não querem entender as pessoas de entendimento raquítico e intolerante que a experiência do Real só advém na ausência do ego.

De nenhuma maneira seria possível reconhecer diretamente os mistérios da vida e da morte, enquanto não se abrir, dentro de nós mesmos, a mente interior.

Não é demais repetir, neste capítulo, que só a Consciência Superlativa do Ser pode conhecer a Verdade. A mente interior só pode funcionar com os dados que aporta a Consciência Cósmica do Ser.

O intelecto subjetivo, com sua dialética racionadora, nada pode saber sobre isso que escapa de sua jurisdição.

Já sabemos que os conceitos dos conteúdos da dialética racionadora são elaborados com os dados fornecidos pelos sentidos de percepção externa.

Aqueles que se encontram engarrafados dentro de seus procedimentos intelectuais e normas fixas sempre apresentam resistência a essas idéias revolucionárias.

Só dissolvendo o ego, de forma radical e definitiva, é possível despertar a consciência, e abrir, realmente, a mente interior.

No entanto, como estas declarações revolucionárias não cabem dentro da lógica formal, nem tampouco dentro da lógica dialética, as reações subjetivas das mentes involutivas opõem violenta resistência.

Querem essas pobres pessoas intelectuais meter o oceano dentro de um copo de cristal; supõem que a universidade pode controlar toda a sabedoria do universo e que todas as leis do cosmo são obrigadas a se submeterem às suas velhas normas acadêmicas. Nem remotamente suspeitam estes incultos modelos de sabedoria do estado degenerado em que se encontram.

Às vezes, por algum tempo, se destacam tais pessoas quando vêm ao mundo esotérico. Mas logo se apagam como fogo fátuo, desaparecendo do panorama das inquietudes espirituais; são engolidas pelo intelecto e desaparecem de cena para sempre.

A superficialidade do intelecto nunca pode penetrar no fundo legítimo do Ser. Porém, os processos subjetivos do racionalismo podem levar os néscios a qualquer classe de conclusões muito brilhantes, porém absurdas.

De modo algum o poder formulador de conceitos lógicos implica em experiência autêntica do Real.

O jogo convincente da dialética racionadora autofascina o racionador, sempre o levando a confundir gato com lebre.

A brilhante procissão de idéias ofusca o velhaco do intelecto e lhe dá certa auto-suficiência tão absurda como para rechaçar a tudo isso que não cheira a pó de biblioteca e tinta de universidade.

O *delirium tremens* dos bêbados alcoólatras tem sintomas inconfundíveis; porém, o dos ébrios das teorias se confunde facilmente com a genialidade.

Ao chegar a esta parte de nosso capítulo diremos que certamente é bem difícil saber onde termina o intelectualismo dos velhacos e onde começa a loucura.

Enquanto continuarmos engarrafados dentro das normas apodrecidas e rançosas do intelecto nunca será possível a experiência disso que não é da mente, disso que não é do tempo, disso que é *Real*.

O BISTURI DA CONSCIÊNCIA



Alguns psicólogos simbolizam a consciência como um bisturi capaz de separar à força aquilo que foi ou está aderido a nós.

Acreditam esses psicólogos que a única maneira de fugir do domínio deste ou daquele ego é observá-lo cada vez mais intensamente com o propósito de compreendê-lo e nos tornarmos conscientes do mesmo.

Pensam essas pessoas que assim eventualmente podemos nos separar deste ou daquele ego, ainda que seja pela espessura do fio de um bisturi.

O ego, cortado desta forma pelo bisturi da consciência, então se assemelha a uma planta cortada.

Fazer-se consciente de qualquer ego, segundo eles, significa separá-lo de nossa mente e condená-lo à morte.

Sem dúvida, esse conceito, aparentemente muito convincente, falha na prática.

O eu, que mediante o fio da consciência foi cortado de nossa personalidade, expulso de casa como ovelha negra, continua no espaço psicológico, e se torna um demônio tentador; insistirá em regressar à casa e não se resignará tão facilmente. De forma alguma irá querer comer o pão amargo do desterro; tratará de buscar uma oportunidade de retornar, e ao menor descuido da guarda, voltará a se acomodar novamente dentro de nossa mente.

O mais grave é que dentro do eu desterrado sempre se encontra engarrafada certa porcentagem de Essência, de Consciência.

Todos esses psicólogos que pensam assim, jamais conseguiram dissolver nenhum de seus eus; na realidade, todos fracassaram.

Por mais que se tente fugir dessa questão da Kundalini, o problema é muito sério.

Na realidade, o “filho ingrato” não progride jamais no trabalho esotérico sobre si mesmo.

Obviamente, o “filho ingrato” é todo aquele que despreza a Ísis, nossa Divina Mãe Cósmica particular, individual.

Ísis é uma das partes autônomas do nosso próprio Ser, porém, derivada; ela é a Serpente Ígnea de nossos mágicos poderes, a Kundalini.

Ostensivamente, só Ísis tem poder absoluto para desintegrar qualquer eu; isso é irrefutável, irrefutável, incontroverso.

Kundalini é uma palavra composta: “Kunda” nos faz lembrar do execrável “órgão *kundartiguador*”; “lini” é um termo atlante que significa “fim”.

Kundalini quer dizer “fim do abominável órgão *kundartiguador*”. É, pois, urgente não confundir “Kundalini” com “*Kundartiguador*”.

Já dissemos, num capítulo anterior, que a Serpente Ígnea de nossos mágicos poderes se encontra enroscada, três vezes e meia, dentro de certo centro magnético localizado no osso coccígeo, na base da espinha dorsal.

Quando a Serpente sobe é Kundalini; quando desce, é o abominável órgão *kundartiguador*.

Mediante o “tantrismo branco”, a Serpente ascende vitoriosa pelo canal medular espinhal, despertando os poderes que divinizam.

Mediante o “tantrismo negro”, a Serpente se precipita desde o cóccix para os infernos atômicos do homem. Assim é como muitos se convertem em demônios terrivelmente perversos.

Aqueles que cometem o erro de atribuir à Serpente ascendente todas as características escuras e tenebrosas da Serpente descendente fracassam, definitivamente, no trabalho sobre si mesmos.

As más conseqüências do abominável órgão *kundartiguador* só podem ser aniquiladas com a Kundalini.

Não é demais esclarecer que essas más conseqüências estão cristalizadas no “eu pluralizado” da Psicologia Revolucionária.

O poder hipnótico da Serpente descendente mantém a humanidade submergida na inconsciência.

Só a Serpente ascendente, por oposição, pode despertar nossa consciência. Essa verdade é um axioma da Sabedoria Hermética. Agora compreendemos melhor a profunda significação da palavra sagrada Kundalini.

A Vontade Consciente está sempre representada pela mulher sagrada, Maria, Ísis, que esmaga a cabeça da serpente descendente.

Declaro aqui, francamente e sem rodeios, que a dupla corrente de luz, o fogo vivo e astral da terra, foi figurado pela serpente com cabeça de touro, de bode ou de cão nos antigos Mistérios.

É a dupla Serpente do Caduceu de Mercúrio; é a Serpente Tentadora do Éden; porém é, também, sem a menor dúvida, a Serpente de Cobre de Moisés entrelaçada no “Tao”; isto é: no “*Lingham Gerador*”.

É o “Bode de Sabbat” e o Bafometo dos Templários Gnósticos; a *Hylé* do gnosticismo universal; a dupla cauda da serpente que forma as patas do Galo Solar dos Abraxas.

No “*Lingham negro*” embutido no “*Yoni metálico*”, símbolos do Deus Shiva, a divindade hindu, está a chave secreta para despertar e desenvolver a Serpente Ascendente ou Kundalini sob a condição de não se derramar jamais na vida o “Vaso de Hermes Trismegisto”, o Três Vezes Grande Deus Íbis de Thoth.

Falamos aqui nas entrelinhas só para quem puder entender. Quem tiver entendimento que entenda porque aqui há sabedoria.

NT – Os leigos precisam estudar os demais livros do mesmo autor, especialmente **O Matrimônio Perfeito** e **Os Mistérios Maiores** já publicados pela IGB-Edisaw.

Os tântricos negros são diferentes; eles despertam e desenvolvem o abominável órgão *kundartiguador*, a Serpente Tentadora do Éden, quando cometem, em seus ritos, o crime imperdoável de derramar o “vinho sagrado”.

O PAÍS PSICOLÓGICO



Assim como existe o país exterior no qual vivemos, também existe o país psicológico em nossa mente.

As pessoas jamais se esquecem da cidade ou da comarca onde vivem; infelizmente, desconhecem o lugar psicológico onde se encontram localizadas.

Qualquer um sabe em que bairro ou vila se encontra; mas, no terreno psicológico, não acontece o mesmo. Geralmente, as pessoas nem de longe suspeitam, em dado momento, em que lugar de seu “país psicológico” se meteram.

Assim como no mundo físico existem bairros de pessoas decentes e cultas assim também ocorre na comarca psicológica de cada um de nós; não há dúvida que existem bairros finos e bonitos.

Assim como no mundo físico há vilas e bairros com becos perigosíssimos, cheios de assaltantes, assim também ocorre na comarca psicológica do nosso [mundo] interior.

Tudo depende da classe de pessoas que nos acompanha. Se temos amigos bêbados, iremos parar no boteco; se esses últimos são boêmios, não há dúvida que nosso destino estará nos prostíbulos.

Dentro de nosso país psicológico cada qual tem seus acompanhantes, seus egos; estes nos levarão aonde nos devem levar, de acordo com nossas características psicológicas.

Uma virtuosa e honorável senhora, magnífica esposa, de conduta exemplar, vivendo em rica mansão no mundo físico, devido a seus eus luxuriosos poderia estar morando em antros de prostituição dentro de seu país psicológico.

Um cavalheiro de honra inatacável, magnífico cidadão, poderia, dentro de sua comarca psicológica, encontrar-se numa cova de ladrões, devido a seus

péssimos acompanhantes, os eus do roubo, profundamente submergidos dentro do seu inconsciente.

Um anacoreta e penitente, possivelmente um monge azul, vivendo austero dentro de sua cela, em algum monastério, poderia psicologicamente encontrar-se vivendo numa colônia de assassinos, pistoleiros, assaltantes, drogados, devido precisamente a seus eus infraconscientes ou inconscientes, estarem submersos profundamente dentro das cavidades mais difíceis da sua mente.

Por alguma razão nos disseram que há muita virtude nos malvados e que há muita maldade nos virtuosos. Muitos santos canonizados ainda vivem dentro dos antros psicológicos do roubo ou em casas de prostituição.

Isso que estamos afirmando de forma enfática poderia escandalizar os falsos beatos, os piedosos, os ignorantes ilustrados, os modelos de sabedoria; porém, jamais os verdadeiros psicólogos.

Ainda que pareça incrível, no meio do incenso da oração também se esconde o delito; entre as cadências do verso também se esconde o delito; e sob a cúpula sagrada dos santuários mais divinos o delito se reveste com a túnica da santidade e da palavra sublime.

Nos fundos mais profundos dos santos mais veneráveis vivem eus do prostíbulo, do roubo, do homicídio, etc. – acompanhantes infra-humanos, escondidos entre as insondáveis profundezas do inconsciente.

Por essa razão os diversos santos da história sofreram muito. Recordemos as tentações de Santo Agostinho e também todas aquelas abominações contra as quais teve que lutar nosso irmão Francisco de Assis.

No entanto, nem tudo foi dito por esses santos; a maior parte dos anacoretas se calou. Assombra pensar que alguns anacoretas penitentes e santíssimos vivem nas colônias psicológicas da prostituição e do roubo.

Contudo, são santos e, se todavia não têm descoberto essas coisas espantosas em sua própria mente, quando as descobrirem usarão silício sobre suas peles e jejuarão; possivelmente se açoiarão e rogarão à sua Divina Mãe Kundalini para que elimine de sua mente esses maus acompanhantes que nesses antros tenebrosos de seu próprio país psicológico os mantêm aprisionados.

As religiões falaram muito sobre a vida depois da morte e no além. Que não se desgastem mais os cérebros das pobres pessoas sobre o que existe lá do outro lado, além do sepulcro.

Sem dúvida, depois da morte cada qual continua vivendo na colônia psicológica de sempre. O ladrão, nos antros dos ladrões continuará; os luxuriosos, nas casas de encontro prosseguirão, como fantasma de mau agouro; o iracundo, o furioso, seguirá vivendo nos becos perigosos do vício e da ira, onde também brilha o punhal e soam os tiros das pistolas.

A Essência, em si mesma, é muito bela; veio de cima, das estrelas; desgraçadamente, está metida dentro de todos esses eus que levamos dentro.

Por oposição, a Essência pode retroceder no caminho, regressar ao ponto de partida original, voltar às estrelas; mas primeiro deve se libertar de seus pesados acompanhantes, que a mantêm aprisionada nos subúrbios da perdição.

Quando Francisco de Assis e Antônio de Pádua, bem conhecidos Mestres Cristificados, descobriram dentro de seu interior os eus da perdição, sofreram o indizível; não há dúvida que, à base de trabalhos conscientes e padecimentos voluntários, puderam reduzir a poeira cósmica todo esse conjunto de elementos inumanos que em seu interior viviam. Inquestionavelmente, esses santos se cristificaram e regressaram ao ponto de partida original, depois de terem sofrido muito.

Antes de tudo é necessário, é urgente, inadiável, que o centro magnético, que em forma anormal temos estabelecido em nossa falsa personalidade, seja transferido à Essência. Assim poderá, o homem completo, iniciar sua viagem desde a personalidade até as estrelas, ascendendo de forma didática, progressiva, de grau em grau, pela Montanha do Ser.

Enquanto o centro magnético seguir estabelecido em nossa personalidade ilusória, viveremos nos antros psicológicos mais abomináveis, ainda que na vida prática sejamos magníficos cidadãos.

Cada qual tem um centro magnético que o caracteriza: o comerciante tem o centro magnético do comércio e por isso ele se desenvolve nos mercados e atrai o que lhe é afim: compradores e mercadores.

O homem de ciência tem em sua personalidade o centro magnético da ciência e, por isso, atrai para si todas as coisas da ciência: livros, laboratórios, etc.

O esoterista tem em si mesmo o centro magnético do esoterismo; e como essa classe de centro se torna diferente das questões da personalidade, indubitavelmente sucede, por tal motivo, a transferência.

Quando o centro magnético se estabelece na consciência, quer dizer, na Essência, então se inicia o regresso do homem total às estrelas.

CAPÍTULO 19

AS DROGAS



O desdobramento psicológico do homem nos permite evidenciar a crua realidade da existência de um nível superior em cada um de nós.

Quando alguém se dá conta, por si mesmo, de forma direta, da existência simultânea de duas realidades no próprio ser humano – uma inferior, normal, comum e corrente e outra mais elevada, superior – então tudo muda, e passamos a agir na vida de acordo com os princípios fundamentais que trazemos no fundo de nosso Ser.

Assim como existe uma vida externa também existe uma vida interna. O homem exterior não é o todo. O desdobramento psicológico nos ensina a realidade do homem interior.

O homem exterior tem seu modo de ser; é algo dotado de múltiplas atitudes e reações típicas da vida; é uma marionete movida por fios invisíveis.

O homem interior é o Ser autêntico; age de acordo com outras leis, diferentes das leis do homem comum ou externo; o homem interno jamais poderia ser transformado em robô.

O homem exterior não dá ponto sem nó; sente que lhe pagaram mal, se compadece de si mesmo e se autoconsidera em demasia.

Se é soldado aspira a ser general; se é trabalhador de fábrica protesta quando não o promovem, e quer que seus méritos sejam devidamente reconhecidos.

Ninguém pode chegar ao segundo nascimento – renascer, como diz o Evangelho do Senhor – enquanto seguir vivendo com a psicologia do homem inferior, comum e corrente.

Quando reconhecemos nossa própria nulidade e nossa miséria interior, quando temos o valor de revisar nossa vida, vamos descobrir por nós mesmos que de nenhuma maneira possuímos méritos de espécie alguma.

“Bem-aventurados os pobres de espírito porque eles receberão o reino dos céus”. “Pobres de espírito” ou “indigentes de espírito” são, realmente, aqueles que reconhecem sua própria nulidade ou miséria interior. Essa classe de pessoas alcançará a iluminação.

“Mais fácil é passar um camelo pelo buraco de uma agulha que um rico entrar no reino dos céus”. É ostensivo que a mente, enriquecida por tantos méritos, condecorações, medalhas, distinguidas virtudes sociais e complicadas teorias acadêmicas, não é pobre de espírito; portanto, nunca poderá entrar no reino dos céus.

Para entrar no reino se faz impostergável o tesouro da Fé. Enquanto não for elaborado em cada um de nós o desdobramento psicológico, a Fé é algo impossível.

A Fé é o conhecimento puro, a sabedoria experimental direta do Ser. A Fé sempre foi confundida com a crença. Os gnósticos não devem cair jamais em tão grave erro. A Fé é a experiência direta do Real; vivência magnífica do homem interior; conhecimento divino autêntico.

O homem interior, ao conhecer por experiência mística direta seus próprios mundos internos, é evidente que conhecerá também os mundos internos de todas as pessoas que povoam a face da Terra.

Ninguém poderia conhecer os mundos internos do planeta Terra, do sistema solar e da galáxia em que vivemos se antes não tiver conhecido seus próprios mundos internos.

As percepções extra-sensoriais do viciado têm sua raiz particular no abominável órgão *kundartiguador* (a serpente tentadora do Éden).

A consciência engarrafada entre os múltiplos elementos que constituem o ego, age em virtude de seu próprio engarrafamento. Portanto, a consciência egóica advém em estado comatoso [de coma], com alucinações hipnóticas muito similares às de qualquer sujeito que se encontra sob a influência de tal ou qual droga.

Podemos colocar essa questão da seguinte forma: alucinações da consciência egóica são iguais às alucinações provocadas pelas drogas [e bebedeiras].

Obviamente, esses dois tipos de alucinações têm suas causas originais no abominável órgão *kundartiguador* (ver capítulo 17).

Indubitavelmente, as drogas aniquilam os raios alfa; então, sem dúvida, perde-se a conexão intrínseca entre mente e cérebro, e isso de fato gera o total fracasso.

O drogado converte seu vício em religião; desviado, pensa experimentar o Real sob a influência das drogas, ignorando que as percepções extrasensoriais, produzidas pela maconha, LSD, morfina, fungos alucinógenos, cocaína, heroína, haxixe, comprimidos tranqüilizantes em excesso, anfetaminas, barbitúricos, etc., são meras alucinações elaboradas pelo abominável órgão *kundartiguador*.

NT – Nisso se incluem também os efeitos provocados por infusões ou chás de certas plantas amazônicas tão em voga hoje aqui no Brasil.

Os drogados, involuindo e degenerando no tempo, submergem de forma definitiva dentro dos mundos infernais.

INQUIETUDES



Não há dúvida que entre o “pensar” e o “sentir” existe uma grande diferença.

Há, hoje em dia, uma grande frieza entre as pessoas: é o frio da superficialidade, das coisas que não têm importância.

As massas acreditam que “importante” é, justamente, o que “não tem importância” alguma. Por exemplo, pensam que a última moda, o último lançamento ou a questão do salário mínimo, são os únicos assuntos sérios da vida. Quer dizer: acham sério o jornal do dia, a última conquista amorosa, a vida sedentária, o copo de cerveja, a corrida de cavalos, a Fórmula Um, o fuxico, a calúnia, etc.

Portanto, quando o homem comum ou a mulher do salão de beleza escutam algo sobre esoterismo – como isso não faz parte de sua vida, nem de suas conversas, nem de seus prazeres sexuais – respondem com um não-sei-quê de espantosa frieza ou simplesmente retorcem a boca, dão de ombros ou se retiram com total indiferença.

Essa apatia psicológica, essa incrível frieza tem dois embasamentos: primeiro, a tremenda ignorância; segundo, a mais absoluta ausência de inquietudes espirituais. Falta aí um contato, um choque elétrico.

Se alguém fosse capaz de dar ao imbecil indiferente ou à mulherzinha vazia e superficial do salão de beleza o choque elétrico do momento, a chispa do coração, talvez então alguma reminiscência estranha, um não-sei-quê bem íntimo pudesse tornar tudo diferente [em sua vida].

Mas sempre aparece algo que substitui esse pequeno chamado do coração, este íntimo anelo. Às vezes é uma tolice qualquer, outras vezes é um belo vestido numa vitrine ou a visão de deliciosos quitutes numa confeitaria ou ainda o inesperado aparecimento de algum amigo, que depois não tem mais nenhuma importância em nossa vida; enfim, tolices e nesciedades que, não tendo nada de

transcendental, têm, no entanto, força suficiente, num dado momento, para apagar a primeira inquietude espiritual, o íntimo anelo, a insignificante chispa de luz, o pressentimento que, sem saber por que, nos inquietou por um momento.

Se esses que hoje são cadáveres ambulantes ou frios noctívagos frequentadores de clubes da noite ou simples trabalhadores de lojas e escritórios não houvessem sufocado a primeira inquietude íntima [que surgiu pela primeira vez em suas vidas], seriam, neste momento, luminares do espírito, adeptos de luz, homens autênticos no sentido mais completo da palavra.

A chispa, o pressentimento íntimo, o suspiro misterioso, um não-sei-quê transcendental alguma vez foi sentido sem dúvida alguma pelo açougueiro da esquina, pelo engraxate e pelo grande doutor. Mas tudo foi em vão; as necessidades da personalidade apagaram essa primeira faísca de luz; depois, teve prosseguimento o frio da mais espantosa indiferença.

Não há dúvida que as pessoas mais cedo ou mais tarde acabam sendo engolidas pela Lua. Essa é uma verdade oculta, sem controvérsias. Não há ninguém que alguma vez na vida não haja tido um pressentimento, uma estranha inquietude; infelizmente, qualquer coisa da personalidade, por mais tola que seja, é suficiente para reduzir a poeira cósmica isso que no silêncio da noite nos comoveu por um momento.

A Lua sempre ganha essas batalhas; ela se alimenta, se nutre, precisamente, de nossas próprias debilidades.

A Lua é terrivelmente mecanicista; o humanóide lunar, desprovido completamente de inquietude solar, é incoerente e se move no mundo de seus sonhos.

Se alguém fizesse o que ninguém faz, isto é, avivar a íntima inquietude surgida talvez no mistério de alguma noite, não há dúvida que, com o tempo, assimilaria a inteligência solar e se converteria em homem solar.

Isso é precisamente o que o Sol quer; porém, essas sombras lunares, tão frias, apáticas e indiferentes, sempre são tragadas pela Lua; depois vem o ni velamento da morte.

A morte nivela tudo [e todos]. Qualquer cadáver ambulante, desprovido de inquietudes solares, degenera terrivelmente, de forma progressiva, até que a Lua o devore.

O Sol quer criar homens; está fazendo esse ensaio no laboratório da natureza; desgraçadamente tal experimento não lhe tem dado bons resultados; a Lua acaba devorando as pessoas.

Sem dúvida, isso que estamos dizendo não interessa a ninguém, muito menos aos ignorantes ilustrados, que se sentem como tendo o rei na barriga.

O Sol depositou dentro das glândulas sexuais do “animal intelectual”, equivocadamente chamado homem, certos germes solares que, convenientemente desenvolvidos, podem nos transformar em homens autênticos. Contudo, o experimento solar acaba se tornando espantosamente difícil devido, precisamente, ao frio lunar.

As pessoas não querem cooperar com o Sol, e por isso, com o tempo, os germes solares involuem, degeneram e se perdem lamentavelmente.

A chave-mestra da obra solar está na dissolução dos elementos indesejáveis [egos] que levamos em nossa mente.

Quando uma raça humana perde o interesse pelas idéias solares, o Sol a destrói, porque já não serve para seus objetivos.

Como esta raça atual se tornou insuportavelmente lunar, terrivelmente superficial e mecanicista, já não serve mais para os propósitos solares, motivo mais que suficiente para ser destruída.

Para que haja inquietude espiritual contínua é preciso passar o centro magnético de gravidade à Essência, à consciência.

Tristemente, as pessoas têm o centro magnético de gravidade assentado na sua personalidade, no café, no barzinho, nos negócios, no banco, na casa de massagem ou na praça do mercado, etc.

Obviamente, tudo isso são ocupações da personalidade; o centro magnético da mesma atrai todas essas coisas; qualquer pessoa que tenha o sentido comum apurado pode verificar por si mesma e de forma direta.

Desgraçadamente, ao ler tudo isso aqui, os velhacos do intelecto, acostumados a discutir tudo, ou a se calar com um orgulho insuportável, preferem jogar o livro a um canto com desdém e ler o jornal.

Uns quantos goles de bom café e o noticiário do dia formam magnífico alimento para os mamíferos racionais. No entanto, se acham muito sérios; indubitavelmente, suas próprias opiniões os alucinaram, e essas coisas do tipo solar, escritas neste livro insolente, os molestam terrivelmente.

Não há dúvida que os olhos boêmios dos “homúnculos da razão” não se atrevem a continuar o estudo desta obra.

CAPÍTULO 21

MEDITAÇÃO



Na vida, a única coisa importante é a transformação radical, total e definitiva; o resto, francamente, não tem a menor importância.

A meditação é fundamental quando sinceramente queremos mudar. Mas, de forma alguma estamos aqui falando da meditação não-transcendental, superficial e inútil.

Necessitamos de seriedade e devemos deixar de lado tantas tolices que existem por aí no pseudo-esoterismo e no pseudo-ocultismo barato.

É preciso saber ser sério! É preciso saber mudar se de verdade queremos triunfar no trabalho esotérico.

Quem não sabe meditar, as pessoas superficiais e levianas, jamais poderão dissolver o ego; serão sempre como um pedaço de madeira, jogado de um lado para o outro pelo furioso mar da vida.

Defeito descoberto no terreno da vida prática deve ser compreendido profundamente através da técnica da meditação profunda.

O material didático para a meditação se encontra precisamente nos distintos eventos ou circunstâncias diárias da vida prática.

As pessoas sempre reclamam dos acontecimentos desagradáveis; nunca sabem ver a utilidade de tais eventos.

Nós, ao invés de protestarmos contra as circunstâncias desagradáveis da vida, devemos extrair das mesmas, mediante a meditação, os elementos úteis para nosso crescimento espiritual.

A meditação profunda sobre tal ou qual circunstância agradável ou desagradável nos permite sentir em nós mesmos o seu sabor e seu resultado.

É necessário fazer plena diferenciação psicológica entre o que é o “sabor trabalho” e o que é o “sabor vida”.

Em todo caso, para sentir em nós mesmos o “sabor trabalho”, é preciso total inversão da atitude com que normalmente encaramos as circunstâncias da vida.

Ninguém irá gostar do “sabor trabalho” enquanto cometer o erro de se identificar com os diversos eventos da vida.

Certamente, a identificação impede a devida apreciação psicológica desses acontecimentos.

Quando nos identificamos com tal ou qual acontecimento, de modo algum conseguimos extrair do mesmo os elementos úteis para o autodescobrimento e o crescimento interior da consciência.

O esoterista, que regressa à identificação, depois de haver perdido a vigiância sobre si mesmo, volta a sentir o “sabor vida” ao invés do “sabor trabalho”.

Isso indica que a atitude psicológica, antes invertida, voltou ao seu estado de identificação.

Qualquer circunstância desagradável deve ser reconstruída por meio da imaginação consciente, através da técnica da meditação.

A reconstrução de qualquer cena nos permite verificar, por nós mesmos e em forma direta, a participação dos vários eus em sua manifestação. Exemplo: Numa cena de ciúmes intervêm eus de ira, ciúmes e até de ódio.

Compreender cada um desses eus, cada um desses fatores, implica, de fato, em profunda reflexão, concentração e meditação.

A marcada tendência de culpar os outros é um problema para a compreensão de nossos próprios erros. Desgraçadamente, é uma tarefa bem difícil essa de destruir em nós a tendência de culpar os outros.

Em nome da verdade temos que dizer que nós somos os únicos culpados pelas diversas circunstâncias de nossa vida.

Os distintos acontecimentos, agradáveis ou desagradáveis, existem com ou sem nossa existência, e se repetem mecanicamente de forma contínua.

Partindo deste princípio, nenhum problema pode ter uma solução final.

Os problemas são da vida, e se houvesse uma solução final, a vida não seria vida, senão morte.

Então, pode haver modificação nas circunstâncias e nos problemas, mas nunca deixarão de se repetir e jamais terão uma solução final.

A vida é uma roda que gira mecanicamente com todas as circunstâncias agradáveis e desagradáveis e de forma sempre recorrente.

Não podemos deter a roda; as circunstâncias boas ou más se processam sempre mecanicamente; a única coisa que podemos mudar é nossa atitude diante dos eventos da vida.

Conforme vamos aprendendo a extrair o material psicológico para a meditação de dentro das mesmas circunstâncias da existência, iremos nos auto-descobrir.

Em qualquer circunstância, agradável ou desagradável, existem diversos eus que devem ser compreendidos integralmente, com a técnica da meditação.

Isso significa que qualquer grupo de eus, intervindo em tal ou qual drama, comédia ou tragédia da vida prática, depois de ter sido compreendido integralmente, deverá ser eliminado mediante o poder da Divina Mãe Kundalini.

À medida que fazemos uso do sentido da observação psicológica, este vai se desenvolvendo de forma maravilhosa. Então poderemos perceber internamente não somente os egos antes de haverem sido trabalhados, como também durante todo o trabalho.

Quando esses eus são decapitados e desintegrados pela Divina Mãe Kundalini, sentimos um grande alívio, uma grande felicidade.

RETORNO E RECORRÊNCIA



Um homem é o que é a sua vida. Se um homem não trabalha sua própria vida está perdendo o tempo miseravelmente. Só eliminando os elementos indesejáveis que vivem em nossa mente podemos fazer de nossa vida uma Obra Mestra.

A morte é o regresso ao princípio da vida, com a possibilidade de repeti-la, novamente, no cenário de uma nova existência.

As diversas escolas do tipo pseudo-esotéricas e pseudo-ocultistas sustentam a teoria de eternas vidas sucessivas; tal conceito está equivocado.

A vida é um filme; concluída a projeção, enrolamos a fita em seu carretel e a levamos para a eternidade.

O reingresso existe; o retorno existe. Ao voltarmos a este mundo, projetamos na tela da existência o mesmo filme, a mesma vida [passada].

Podemos sustentar a tese de existências sucessivas; mas não de vidas sucessivas, porque o filme é o mesmo.

O ser humano [ao nascer] tem uns três por cento de Essência livre e noventa e sete por cento de Essência engarrafada entre os eus.

Ao retornar, os três por cento de Essência livre impregnam, totalmente, o ovo fecundado; não há dúvida que continuamos na semente de nossos descendentes.

Personalidade é diferente; não existe nenhum amanhã para a personalidade do morto; essa última vai se dissolvendo lentamente no panteão ou no cemitério.

No recém-nascido só se encontra reincorporada a pequena porcentagem de Essência livre; isto dá a cada criatura autoconsciência e beleza interior.

Os diversos eus que retornam dão voltas ao redor do recém-nascido; vão e vem livremente por todos os lugares; buscam penetrar para dentro da máquina orgânica, mas isso não é possível enquanto não se tenha criado uma nova personalidade.

Convém saber que a personalidade é energética e que se forma com a experiência através do tempo.

Está escrito que a personalidade se forma durante os primeiros sete anos da infância e que, posteriormente, se robustece e se fortifica com todas as experiências da vida prática.

Os eus começam a intervir dentro da máquina humana pouco a pouco, à medida que a nova personalidade vai sendo criada.

A morte é uma subtração de frações; terminada a operação matemática, o que resta são os valores; isto é, os eus bons e maus, úteis e inúteis, positivos e negativos.

Os valores, na luz astral, se atraem e se repelem entre si de acordo com as leis da imantação universal.

Nós somos pontos matemáticos no espaço e servimos de veículo a determinadas somas de valores.

Dentro da personalidade humana de cada um de nós existem sempre esses valores que servem de embasamento à Lei da Recorrência.

Tudo volta a ocorrer tal qual sucedeu antes mais o resultado ou a consequência de nossas ações precedentes.

Como dentro de cada um de nós existem muitos eus de vidas precedentes, podemos afirmar de forma enfática que cada um deles é uma pessoa diferente.

Isso nos convida a compreender que dentro de cada um de nós vivem muitíssimas pessoas, com distintos compromissos.

Dentro da personalidade de um ladrão existe um verdadeiro covil de ladrões; dentro da personalidade de um homicida existe todo um clube de assassinos; dentro da personalidade de um luxurioso existe uma casa de encontros; dentro da personalidade de qualquer prostituta existe todo um prostíbulo, etc.

Cada uma dessas pessoas, que dentro de nossa própria personalidade carregamos, tem seus problemas e seus compromissos.

É gente vivendo dentro da gente; pessoas vivendo dentro das pessoas; isso é irrefutável, irrefutável.

O grave de tudo isso é que cada uma dessas pessoas ou eus que dentro de nós vive, vem de antigas existências e tem determinados compromissos.

O eu que na passada existência teve uma aventura amorosa na idade de trinta anos, na nova existência aguardará tal idade para se manifestar novamente; chegado o momento, buscará a pessoa de seus sonhos; por-se-á em contato telepático com a mesma e, ao fim, virá o reencontro e a repetição da cena.

O eu que na idade de quarenta anos teve um pleito por bens materiais, na nova existência aguardará tal idade para repetir o mesmo acontecimento.

O eu que na idade de vinte e cinco anos brigou com outro homem na cantina ou no bar, aguardará, na nova existência, a nova idade de vinte e cinco anos para buscar seu adversário e repetir a tragédia.

Buscam-se entre si os eus de um e de outro sujeito mediante as ondas telepáticas, e logo se reencontram para repetir, mecanicamente, o mesmo drama anterior.

Esta é, realmente, a mecânica da Lei da Recorrência; esta é a tragédia da vida.

Através de milhares de anos os diversos personagens se reencontram para reviver os mesmos dramas, comédias e tragédias.

A pessoa humana não é mais do que uma máquina a serviço desses eus com tantos compromissos.

O pior de toda esta questão é que todos esses compromissos das pessoas que levamos em nosso interior se cumprem sem que nosso entendimento tenha, previamente, alguma informação.

Nossa personalidade humana, nesse sentido, parece um carro arrastado por múltiplos cavalos.

Existem vidas de exatíssima repetição; recorrentes existências que nunca se modificam.

De modo algum poderiam se repetir as comédias, dramas e tragédias da vida sobre a tela da existência se não existissem os atores.

Os atores de todas essas cenas são os eus que vivem em nosso interior, e que vêm de antigas existências.

Se desintegrarmos os eus da ira, as cenas trágicas da violência inevitavelmente terminam.

Se reduzirmos a poeira cósmica os agentes secretos da cobiça, os problemas da mesma finalizarão totalmente.

Se aniquilarmos os eus da luxúria, as cenas de prostíbulo e de morbosidade finalizam.

Se reduzirmos a cinzas os personagens secretos da inveja, os eventos da mesma concluir-se-ão radicalmente.

Se matarmos os eus do orgulho, da vaidade, da presunção, da auto-importância, as cenas ridículas desses defeitos finalizarão por falta de atores.

Se eliminarmos de nossa mente os fatores da preguiça, da inércia e da indolência, as horripilantes cenas dessa classe de defeitos não poderão se repetir por falta de atores.

Se pulverizarmos os asquerosos eus da gula e da glotonaria, finalizarão os banquetes, as bebedeiras, etc., por falta de atores.

Como esses múltiplos eus se processam, lamentavelmente, nos distintos níveis do Ser, faz-se necessário conhecer suas causas, sua origem e os procedimentos crísticos que finalmente haverão de nos conduzir à morte do mim mesmo e à liberação final.

Estudar o Cristo Íntimo, estudar o esoterismo crístico, é básico quando se trata de fazer em nós uma transformação radical e definitiva; isso é o que estudaremos nos próximos capítulos.

CAPÍTULO 23

O CRISTO ÍNTIMO



O Cristo é o Fogo do Fogo, a Chama da Chama, a Assinatura Astral do Fogo.

Sobre a cruz do Mártir do Calvário está definido o Mistério do Cristo com uma só palavra de quatro letras: **INRI – Ignis Natura Renovatur Integra** – “O Fogo Renova Integralmente a Natureza”.

O advento do Cristo no coração do homem nos transforma radicalmente. O Cristo é o Logos Solar, a Unidade Múltipla Perfeita. O Cristo é a vida que palpita no universo inteiro, é o que é, o que sempre tem sido e o que sempre será.

Muito se falou sobre o Drama Cósmico; inquestionavelmente, este Drama está explicado nos quatro Evangelhos.

Foi-nos dito que o Drama Cósmico foi trazido à Terra pelos *Elohim*; o Grande Senhor da Atlântida representou esse Drama em carne e osso.

O Grande Kabir Jesus também teve que representar o mesmo drama, publicamente, na Terra Santa.

Ainda que o Cristo nasça mil vezes em Belém, de nada serve se não nascer em nosso coração também.

Ainda que tenha morrido e ressuscitado ao terceiro dia, dentre os mortos, isso de nada serve se não morrer e ressuscitar em nós também.

Tratar de descobrir a natureza e a essência do fogo é tratar de descobrir a Deus, cuja presença real sempre se revelou sob a aparência ígnea.

A Sarça Ardente (Êxodo, III, 2) e o Fogo do Sinai, a raiz do outorgamento do Decálogo (Êxodo, XIX, 18), são duas manifestações pelas quais Deus apareceu a Moisés.

Sob a figura de um Ser de Jaspe e Sardônio da cor da chama, sentado num trono incandescente e fulgurante, São João descreve o Dono do Universo (Apocalipse, IV, 3, 5).

“Nosso Deus é um Fogo Devorador”, escreve São Paulo em sua “Epístola aos Hebreus”.

O Cristo Íntimo, o Fogo Celestial, deve nascer em nós – e nasce, em realidade, quando temos avançado bastante no trabalho psicológico.

O Cristo Íntimo deve eliminar de nossa natureza psicológica as próprias causas do erro: os eus-causa.

Não seria possível a dissolução das causas do ego, enquanto o Cristo Íntimo não tenha nascido em nós.

O Fogo Vivente e Filosofal, o Cristo Íntimo, é o Fogo do Fogo, o Puro do Puro.

O Fogo nos envolve e nos banha por todos os lados; vem a nós pelo ar, pela água e pela terra que são seus conservadores e seus diversos veículos.

O Fogo Celestial deve se cristalizar em nós; é o Cristo Íntimo, nosso Salvador interior profundo.

O Senhor Íntimo deve assumir nossa mente, os cinco centros da máquina orgânica e todos os nossos processos mentais, emocionais, motores, instintivos, sexuais.

O TRABALHO CRÍSTICO



O Cristo Íntimo surge interiormente no trabalho relacionado à dissolução do eu psicológico. Obviamente, o Cristo Interior só advém no momento culminante de nossos esforços intencionais e padecimentos voluntários.

O advento do Fogo Crístico é o acontecimento mais importante de nossa própria vida. O Cristo Íntimo se encarrega então de todos nossos processos mentais, emocionais, motores, instintivos e sexuais.

Inquestionavelmente, o Cristo Íntimo é nosso Salvador interior profundo. Ele, sendo perfeito, ao se meter dentro de nós, se parece como imperfeito; sendo casto, se parece como se não fosse; sendo justo se parece como se não fosse.

Isso é semelhante aos distintos reflexos da luz. Se usarmos óculos de lentes azuis tudo nos parecerá azul e se usarmos de cor vermelha veremos todas as coisas nessa cor.

Ele, mesmo sendo branco, sempre será visto segundo a lente psicológica de quem olha. Por isso é que as pessoas, mesmo quando o vêem, não o vêem.

Ao se encarregar de todos os nossos processos psicológicos o Senhor da Perfeição sofre o indizível. Transformado em homem entre os homens há de passar por muitas provas e suportar tentações indizíveis. A tentação é fogo; o triunfo sobre a tentação é luz.

O Iniciado deve aprender a viver perigosamente, tal qual está escrito; os alquimistas sabem disso. O Iniciado deve percorrer com firmeza a Senda do Fio da Navalha; de um e outro lado do difícil caminho existem abismos espantosos.

Na difícil senda da dissolução do ego existem complexos caminhos que têm sua raiz, precisamente, no caminho real. Obviamente, da Senda do Fio

da Navalha se desprendem múltiplas sendas que não conduzem a nenhuma parte, algumas delas nos levam ao abismo e ao desespero.

Existem sendas que podem nos converter em majestades de tais ou quais zonas do universo, porém que de modo algum nos levam de regresso ao seio do Eterno Pai Cósmico Comum. Existem sendas fascinantes, de santíssima aparência, inefáveis; infelizmente, nos levam à involução submersa nos mundos infernos.

No trabalho de dissolução do eu necessitamos nos entregar por completo ao Cristo Interior. Às vezes aparecem problemas de difícil solução; logo, o caminho se perde em labirintos inexplicáveis e não se sabe onde continua. Só a obediência absoluta ao Cristo Interior e ao Pai que está em secreto pode, em tais casos, orientar-nos sabiamente.

A Senda do Fio da Navalha está cheia de perigos por dentro e por fora. A moral convencional de nada serve; a moral é escrava dos costumes, da época e do lugar. O que foi moral em épocas passadas agora se tornou imoral; o que foi moral na Idade Média, por estes tempos modernos é tido como imoral. O que num país é moral em outro país é imoral, etc.

No trabalho de dissolução do ego sucede que, às vezes, quando pensamos que vamos muito bem estamos indo bem mal. As mudanças são indispensáveis durante o avanço esotérico; mas as pessoas reacionárias permanecem aprisionadas no passado, petrificadas no tempo; trovejam e relampejam contra nós à medida que realizamos avanços psicológicos profundos e mudanças radicais.

As pessoas não resistem às mudanças do Iniciado; querem que este continue petrificado em múltiplos ontens. Qualquer mudança que o Iniciado realizar é classificada de imediato como imoral.

Olhando as coisas deste ângulo, à luz do trabalho crístico, podemos evidenciar claramente a ineficácia dos diversos códigos de moral que foram escritos. Inquestionavelmente, o Cristo manifesto, mas escondido no coração do homem real, ao se fazer responsável de nossos diversos estados psicológicos, sendo desconhecido para o mundo e para as pessoas, de fato, sempre é qualificado como cruel, imoral e perverso.

É paradoxal que as pessoas adorem o Cristo, mas ainda assim lhe dêem esses horríveis qualificativos. Obviamente, as pessoas inconscientes e adormecidas só aceitam um Cristo histórico, antropomórfico; um Cristo em forma de

estátua e dogmas inquebráveis, ao qual podem acomodar facilmente todos os seus maliciosos e antiquados códigos de moral e todos os seus prejudgamentos e condicionantes.

As pessoas jamais são capazes de conceber o Cristo Íntimo no coração humano; as multidões só adoram o Cristo-estátua – isso é tudo. Quando se fala às multidões sobre a crua realidade do Cristo Revolucionário, do Cristo Vermelho, do Cristo Rebelde, de imediato se recebe qualificativos como blasfemo, herege, malvado, profanador, sacrílego, etc.

Assim são as multidões: sempre inconscientes, sempre adormecidas. Agora compreenderemos por que o Cristo crucificado no Gólgota exclama com todas as forças de sua alma: “Meu Pai, perdoai-os porque não sabem o que fazem”.

O Cristo, em si mesmo, sendo um, aparece como muitos; por isso é que se tem dito que Ele é a Unidade Múltipla Perfeita.

A quem sabe a palavra dá poder; ninguém a pronunciou, ninguém a pronunciará senão somente aquele que O tem encarnado. O Senhor da Perfeição trabalha em nós à medida que nos esforçamos conscientemente no trabalho sobre nós mesmos.

É espantosamente doloroso o trabalho que o Cristo Íntimo tem que realizar dentro de nossa própria mente. É verdade que nosso Mestre Interior deve viver toda sua via-crúcis no fundo mesmo de nossa própria alma.

Está escrito: “A Deus rogando e com o malho dando”. Também está escrito: “Ajuda-te que te ajudarei”.

Suplicar à Divina Mãe Kundalini é fundamental quando se trata de dissolver agregados psíquicos indesejáveis; porém, o Cristo Íntimo, nos recônditos mais profundos do mim mesmo, opera sabiamente de acordo com as próprias responsabilidades que Ele coloca sobre seus ombros.

O DIFÍCIL CAMINHO



Inquestionavelmente existe um lado escuro em nós mesmos que não conhecemos ou que não aceitamos; devemos levar a luz da consciência a esse lado tenebroso de nós mesmos.

O objetivo único de nossos estudos gnósticos é fazer com que o conhecimento de nós mesmos se torne mais consciente. Quando temos muitas coisas em nós mesmos, que não conhecemos nem aceitamos, então essas coisas nos complicam a vida de forma espantosa, e na verdade provocam toda sorte de situações que poderiam ser evitadas, mediante o conhecimento de si mesmo.

O pior de tudo isso é que projetamos esse lado desconhecido e inconsciente de nós mesmos em outras pessoas; então passamos a vê-lo nos demais. Por exemplo: vemos os outros como embusteiros, infiéis, mesquinhos, etc.

A Gnose diz, sobre esse particular, que vivemos em uma parte muito pequena de nós mesmos. Significa que nossa consciência se limita tão só a uma parte bem reduzida de nós mesmos. A idéia do trabalho esotérico gnóstico é a de ampliar, claramente, nossa própria consciência.

Indubitavelmente enquanto não estejamos bem relacionados conosco mesmos, tampouco estaremos bem relacionados com os demais, e o resultado será conflito de toda espécie.

É indispensável chegar a sermos bem mais conscientes de nós mesmos mediante uma direta observação de si.

Uma regra gnóstica geral no trabalho esotérico é a de que quando não nos entendemos com alguma pessoa podemos ter certeza que esta é a mesma coisa contra a qual precisamos trabalhar em nós mesmos.

O que criticamos tanto nos outros é algo que existe no lado escuro de nós mesmos, e que desconhecemos e nem queremos conhecer.

Quando estamos nessa condição, o lado escuro de nós mesmos é muito grande; porém quando a luz da observação de si ilumina esse lado escuro, a consciência se amplia mediante o conhecimento de si.

Esta é a Senda do Fio da Navalha, mais amarga que o fel. Muitos iniciam, mas raros são os que chegam à meta.

Assim como a Lua tem um lado oculto e desconhecido que não é visto, assim também acontece com a lua psicológica que temos em nosso interior. Obviamente, tal lua psicológica é formada pelo ego, pelo eu, pelo mim mesmo, pelo si mesmo.

Nessa lua psicológica estão os elementos bestiais que espantam, que horrorizam e que de modo algum aceitaríamos ter.

Cruel caminho é este da Auto-Realização Íntima do Ser. Quantos precipícios! Que passagens tão difíceis! Que labirintos tão horríveis!...

Às vezes, o caminho interior, depois de muitas voltas e reviravoltas, subidas horripilantes e perigosíssimas descidas, se perde em desertos de areia, sem que saibamos por onde segue, e nem um raio de luz o ilumina.

Senda cheia de perigos por dentro e por fora; caminho de mistérios indizíveis, onde sopra apenas um hálito de morte.

Nesse caminho interior, quando se crê que vamos muito bem, em realidade vamos muito mal.

Nesse caminho interior, quando alguém acredita que vai muito mal, sucede que marcha muito bem.

Nesse caminho secreto existem momentos em que já nem mais sabemos o que é o bom e o que é o mau. O que normalmente se proíbe, às vezes é o justo; assim é o caminho interior...

Todos os códigos morais, no caminho interior, não servem para nada; uma bela máxima ou um formoso preceito moral em determinados momentos pode se converter num obstáculo muito sério para a Auto-Realização Íntima do Ser.

Felizmente, o Cristo Íntimo, desde o próprio fundo de nosso Ser, trabalha intensivamente, sofre, chora e desintegra elementos perigosíssimos que em nosso interior vivem.

O Cristo nasce como uma criança no coração do homem; porém, à medida que vai eliminando os elementos indesejáveis que levamos dentro, vai crescendo, pouco a pouco, até se converter num Homem Completo.

OS TRÊS TRAIDORES



No trabalho interior profundo, dentro do terreno da mais restrita auto-observação psicológica, temos que vivenciar em forma direta todo o Drama Cósmico.

O Cristo Íntimo elimina todos os elementos indesejáveis que vivem em nosso interior. Os múltiplos agregados psíquicos gritam, em nossas profundidades psicológicas, pedindo a crucificação do Senhor Interior.

Inquestionavelmente, cada um de nós tem os três traidores em sua própria mente: Judas, o demônio do desejo; Pilatos, o demônio da mente; Caifás, o demônio da má vontade.

Esses três traidores crucificam o Senhor das Perfeições no fundo mesmo de nossa alma. Tratam-se de três tipos específicos de elementos bestiais basilares no Drama Cósmico.

Indubitavelmente, o citado Drama foi vivido sempre secretamente nas profundidades da Consciência Superlativa do Ser. Não é, pois, o Drama Cósmico propriedade exclusiva do Grande Kabir Jesus, como sempre supõem os ignorantes ilustrados.

Os Iniciados de todas as Eras, os Mestres de todos os séculos, tiveram que viver o Drama Cósmico dentro de si mesmos, aqui e agora. Porém, Jesus, o Grande Kabir, teve a coragem de representar tal Drama Íntimo publicamente, na rua, à luz do dia, para abrir o sentido da Iniciação a todos os seres humanos, sem distinção de raça, sexo, casta ou cor.

É maravilhoso que alguém tenha ensinado publicamente o Drama Íntimo a todos os povos da terra.

O Cristo Íntimo, não sendo luxurioso, precisa eliminar de si mesmo os elementos psicológicos da luxúria.

O Cristo Íntimo, sendo em si mesmo paz e amor, deve eliminar de si mesmo os elementos indesejáveis da ira.

O Cristo Íntimo, não sendo cobiçoso, deve eliminar de si mesmo os elementos indesejáveis da cobiça.

O Cristo Íntimo, não sendo invejoso, deve eliminar de si mesmo os agregados psíquicos da inveja.

O Cristo Íntimo, sendo humildade perfeita, modéstia infinita, simplicidade absoluta, deve eliminar de si mesmo os detestáveis elementos do orgulho, da vaidade, da presunção.

O Cristo Íntimo, a Palavra, o Logos Criador, vivendo sempre em constante atividade, precisa eliminar em nosso interior, em si mesmo e por si mesmo, os elementos indesejáveis da inércia, da preguiça, do estancamento.

O Senhor da Perfeição, acostumado a todos os jejuns de têmpera, jamais amigo das bebedeiras e dos grandes banquetes, tem que eliminar de si mesmo os abomináveis elementos da gula.

Estranha simbiose a do Cristo Jesus, o Cristo Homem; rara mistura do Divino e do Humano; do perfeito e do imperfeito; prova sempre constante para o Logos.

O mais interessante de tudo isso é que o Cristo Secreto é sempre triunfador, é alguém que vence constantemente as trevas; alguém que elimina as trevas dentro de si mesmo aqui e agora.

O Cristo Secreto é o Senhor da Grande Rebelião, rechaçado pelos sacerdotes, pelos anciões e pelos escribas do templo.

Os sacerdotes o odeiam; isto é, não o compreendem; querem que o Senhor da Perfeição viva, exclusivamente, no tempo, de acordo com seus dogmas inquebrantáveis.

Os anciões, quer dizer, os moradores da Terra, os bons donos de casa, as pessoas criteriosas, as pessoas de experiência, detestam o Logos, o Cristo Vermelho, o Cristo da Grande Rebelião, porque esse sai do mundo de seus hábitos e costumes antiquados, reacionários e petrificados em muitos ontens.

Os escribas do templo, os velhacos do intelecto, odeiam o Cristo Íntimo porque Ele é a antítese do Anticristo, o inimigo declarado de toda essa

podridão de teorias universitárias que tanto abundam nos mercados de corpos e de almas.

Os três traidores odeiam mortalmente o Cristo Secreto e o conduzem à morte dentro de nós mesmos e em nosso próprio espaço psicológico.

Judas, o demônio do desejo, troca sempre o Senhor por trinta moedas de prata; isto é, pela bebida, dinheiro, fama, vaidades, fornicações, adultérios, etc.

Pilatos, o demônio da mente, sempre lava as mãos; sempre se declara inocente, nunca tem culpa. Constantemente se justifica a si mesmo e aos demais; busca evasivas, escapatórias para iludir suas próprias responsabilidades, etc.

Caifás, o demônio da má vontade, trai incessantemente o Senhor dentro de nós mesmos. O Adorável Íntimo lhe dá o báculo para pastorear suas ovelhas; no entanto, o cínico traidor converte o altar em leito de prazeres; fornicava incessantemente, adultera, vende os sacramentos, etc.

Esses três traidores fazem sofrer secretamente o Adorável Senhor Íntimo sem compaixão alguma.

Pilatos faz com que ponham a coroa de espinhos sobre suas têmporas; os malvados eus o flagelam, insultam-no e o amaldiçoam no espaço psicológico íntimo, sem piedade de nenhuma espécie.

CAPÍTULO 27

EUS-CAUSA



Os múltiplos elementos subjetivos que constituem o ego têm raízes profundas.

Os eus-causa estão vinculados às Leis de Causa e Efeito. Obviamente, não pode existir causa sem efeito, nem efeito sem causa – isso é inquestionável, indubitável.

Seria inconcebível a eliminação dos diversos elementos inumanos que em nosso interior carregamos se não eliminássemos radicalmente as causas intrínsecas de nossos defeitos psicológicos. Obviamente, os eus-causa se acham intimamente associados a determinadas dívidas kármicas.

Só o arrependimento mais profundo e os respectivos negócios com os Senhores da Lei podem nos dar a dita de obter a desintegração de todos esses elementos causais; de uma ou de outra forma, essas negociações podem nos conduzir à eliminação natural dos elementos indesejáveis.

As causas intrínsecas de nossos erros certamente podem ser erradicadas de nós mesmos, graças aos eficientes trabalhos do Cristo Íntimo.

Obviamente, os eus-causa costumam ter complexidades espantosamente difíceis. Exemplo: Um estudante esoterista poderia ser enganado por seu instrutor e, em consequência, esse neófito se tornaria cético.

Neste caso concreto, o eu-causa que originou tal erro só poderia ser desintegrado mediante o supremo arrependimento íntimo e com negociações esotéricas muito especiais.

O Cristo Íntimo, dentro de nós mesmos, trabalha intensamente, eliminando, à base de trabalhos conscientes e padecimentos voluntários, todas essas causas secretas de nossos erros.

O Senhor das Perfeições deve viver em nossas íntimas profundidades todo o Drama Cósmico.

Assombra-nos contemplar, no Mundo Causal, todas as torturas pelas quais passa o Senhor das Perfeições. No Mundo Causal, o Cristo Secreto passa por todas as amarguras indizíveis de sua via-crúcis.

Indubitavelmente, Pilatos lava as mãos e se justifica; porém, no final, condena o Adorável à morte na cruz.

Torna-se extraordinário ao Iniciado-vidente a subida ao Calvário.

Sem dúvida, a Consciência Solar, integrada com o Cristo Íntimo e crucificada na cruz majestosa do Calvário, pronuncia frases terríveis, que aos seres humanos não é dado compreender. A frase final: “Meu Pai, em tuas mãos encomendo meu espírito”, vai seguida de raios e trovões e grandes cataclismos.

Posteriormente, o Cristo Íntimo, após ser baixado da cruz, é depositado em seu Santo Sepulcro. Mediante a morte, o Cristo Íntimo mata a morte. Muito mais tarde no tempo, o Cristo Íntimo deve ressuscitar em nós. Inquestionavelmente, a ressurreição crística vem a transformar-nos radicalmente.

Qualquer Mestre Ressurreto possui poderes extraordinários sobre o fogo, o ar, as águas e a terra. Indubitavelmente, os Mestres Ressurretos adquirem a imortalidade, não somente imortalidade psicológica, como também corporal.

Jesus, o Grande Kabir, ainda vive com o mesmo corpo físico que teve na Terra Santa; o Conde Saint Germain, que transmutava o chumbo em ouro e fazia diamantes da melhor qualidade durante os séculos XV, XVI, XVII, XVIII, etc., ainda vive. O enigmático e poderoso Conde Cagliostro, que tanto assombro causou na Europa com seus poderes, durante os séculos XVI, XVII, XVIII, é um Mestre Ressurreto, e ainda conserva o mesmo corpo físico.

O SUPER-HOMEM



Um Código de Anahuac diz: “Os Deuses criaram os homens de madeira e depois de havê-los criado os fundiram com a divindade”. E logo acrescenta: “Nem todos os homens conseguem a integração com a divindade”.

Inquestionavelmente, a primeira coisa que se necessita é criar o Homem antes de poder integrá-lo com o Real. O “animal intelectual”, equivocadamente chamado homem, de modo algum é o Homem.

Se compararmos o Homem com o “animal intelectual”, poderemos então verificar por nós mesmos o fato concreto de que o “animal intelectual”, ainda que fisicamente se pareça com o Homem, psicologicamente é absolutamente distinto.

Infelizmente, todos pensam de forma equivocada; acreditam ser Homens e se qualificam como tal. Sempre temos acreditado que o Homem é o rei da criação; o “animal intelectual”, até a presente data, não demonstrou sequer ser o rei de si mesmo; se não é rei de seus próprios processos psicológicos, se não pode dirigi-los à vontade, muito menos poderá governar a natureza.

De modo algum poderíamos aceitar o Homem convertido em escravo, incapaz de governar a si mesmo e transformado em juguete das forças bestiais da natureza. Ou se é rei do universo ou não se é. No último desses casos, inquestionavelmente fica demonstrado o fato concreto de não haver chegado ainda ao estado de Homem.

Dentro das glândulas sexuais do “animal intelectual” o Sol depositou os germes para o Homem. Obviamente, tais germes podem se desenvolver ou se perder definitivamente.

Se queremos que tais germes se desenvolvam, faz-se indispensável cooperar com o esforço que o Sol está fazendo para criar Homens. O Homem

legítimo deve trabalhar intensivamente com o evidente propósito de eliminar de si mesmo os elementos indesejáveis que leva em seu interior.

Se o Homem real não eliminar de si mesmo tais elementos, fracassará de forma lamentável e se transformará em um aborto da Mãe Cósmica.

O Homem que verdadeiramente trabalhar sobre si mesmo, com o propósito de despertar a sua consciência, poderá se integrar com o divino. Ostensivamente, o Homem Solar, integrado com a divindade, de fato e por direito se converte num “Super-Homem”.

Não é fácil chegar ao [estado de] Super-Homem. Indubitavelmente, o caminho que conduz ao Super-Homem vai além do bem e do mal. Uma coisa é boa quando nos convém; é má, quando não nos convém.

Entre as cadências do verso também se esconde o delito. Há muita virtude no malvado e muita maldade no virtuoso. O caminho que conduz ao Super-Homem é a Senda do Fio da Navalha. Esta senda está cheia de perigos por dentro e por fora.

O mal é perigoso; o bem também é perigoso. O espantoso caminho está além do bem e do mal; é terrivelmente cruel. Qualquer código de moral pode nos deter na marcha até o Super-Homem. O apego a tais ou quais ontens, a tais ou quais cenas, pode nos deter no caminho que chega até o Super-Homem.

As normas, os procedimentos, por mais sábios que sejam, se encontram enfrascados em tal ou qual fanatismo, em tal ou qual prejulgamento, em tal ou qual conceito; podem criar obstáculos no avanço até o Super-Homem.

O Super-Homem conhece o bem do mal e o mal do bem; empunha a espada da justiça cósmica e está mais além do bem e do mal.

O Super-Homem, havendo liquidado em si mesmo todos os valores bons e maus, converteu-se em algo que ninguém entende: é o Raio, é a Chama do Espírito Universal da Vida, resplandecendo no rosto de um Moisés.

Em cada tenda do caminho algum anacoreta oferece suas dádivas ao Super-Homem; mas este continua seu caminho mais além das boas intenções dos anacoretas.

O que disseram as pessoas sob o pórtico sagrado dos templos tem muita beleza; porém o Super-Homem está bem além dos piedosos ditados das pessoas.

O Super-Homem é o Raio e sua palavra é o trovão que desintegra os poderes do bem e do mal. O Super-Homem resplandece nas trevas; mas as trevas odeiam o Super-Homem.

As multidões qualificam o Super-Homem de perverso, pelo fato mesmo de que ele não se enquadra dentro dos dogmas indiscutíveis, nem dentro das frases piedosas, nem dentro da moral sadia dos homens sérios.

As pessoas detestam o Super-Homem e o crucificam entre criminosos, porque não o entendem, porque o prejudgam, olhando-o através da lente psicológica de quem se crê santo, ainda que seja malvado.

O Super-Homem é como a centelha que cai sobre os perversos ou como o brilho de algo que não se entende, e que se perde depois no mistério.

O Super-Homem não é santo nem perverso; está além da santidade e da perversidade; mas as pessoas o qualificam de santo ou de perverso.

O Super-Homem brilha por um momento entre as trevas deste mundo e logo desaparece para sempre.

Dentro do Super-Homem resplandece abrasadoramente o Cristo Vermelho, o Cristo Revolucionário, o Senhor da Grande Rebelião.

CAPÍTULO 29

O SANTO GRAAL



O Santo Graal resplandece na noite profunda de todas as épocas...

Os cavaleiros da Idade Média, na época das Cruzadas, buscaram inutilmente o Santo Graal na Terra Santa, e não o encontraram.

Quando Abraão, o Profeta, voltava da guerra contra os reis de Sodoma e Gomorra, dizem que encontrou Melquisedec, o Gênio da Terra. Certamente, esse Grande Ser vivia numa fortaleza localizada exatamente naquele lugar, onde, mais tarde, se edificou Jerusalém, a querida cidade dos profetas. Diz a lenda dos séculos, e isso sabem os divinos e os humanos, que Abraão celebrou a Unção Gnóstica com a repartição do pão e do vinho na presença de Melquisedec.

Não é demais afirmar que então Abraão entregou a Melquisedec os dízimos e as primícias, tal como está escrito no Livro da Lei. E Abraão recebeu das mãos de Melquisedec o Santo Graal. Muito mais tarde este cálice foi parar no templo de Jerusalém.

Não há dúvida que a Rainha de Sabá serviu de mediadora para esse fato. Ela se apresentou ante o Rei Salomão com o Santo Graal, e depois de submetê-lo a rigorosas provas, fez-lhe a entrega de tão preciosa jóia.

O Grande Kabir Jesus bebeu nesse cálice na cerimônia sagrada da Última Ceia, tal como está escrito nos quatro Evangelhos.

José de Arimatéia encheu o cálice com o sangue que emanava das feridas do Adorável no Monte das Caveiras [Calvário]. Quando a polícia romana invadiu a morada do citado senador não achou esta preciosa jóia. O senador romano não só escondera tão preciosa jóia, como também, junto com ela, guardou sob a terra a lança de Longinus, com a qual o centurião romano ferira o costado do Senhor.

Então José de Arimatéia foi encerrado numa horrível prisão porque não quis entregar o Santo Graal. Quando o referido senador saiu do cárcere, dirigiu-se para Roma levando consigo o Santo Graal. Ao chegar a Roma, José de Arimatéia encontrou Nero perseguindo os cristãos, e saiu de lá pelas margens do Mediterrâneo.

Uma noite, em sonhos, apareceu-lhe um anjo e lhe disse: “Este cálice tem um grande poder, porque nele se encontra o sangue do Redentor do Mundo”.

José de Arimatéia, obedecendo às ordens do anjo, enterrou o cálice num templo localizado em Montserrat, na Catalunha, Espanha.

Com o tempo, esse cálice se tornou invisível, junto com o templo e parte da montanha.

O Santo Graal é o Vaso de Hermes, a Taça de Salomão, a urna preciosa de todos os Templos de Mistérios.

Na Arca da Aliança não faltava nunca o Santo Graal, na forma de taça ou gomor, dentro da qual se encontrava depositado o maná do deserto.

O Santo Graal alegoriza, em forma enfática, o *Yoni* feminino; dentro dessa santa taça está o néctar da imortalidade, o “soma” dos místicos, a suprema bebida dos Deuses Santos.

O Cristo Vermelho bebe do Santo Graal na hora suprema da crucificação; assim está escrito no Evangelho do Senhor.

Nunca falta o Santo Graal no altar do templo. Obviamente, o sacerdote deve beber o vinho da luz na taça santa.

Seria absurdo supor um Templo de Mistérios no qual faltasse a bendita taça de todas as idades.

Isso nos faz lembrar Ginebra, a Rainha dos Jinas, aquela que servia o vinho a Lancelot nas deliciosas taças de Sukra e de Manti.

Os Deuses Imortais se alimentam com a bebida contida na taça santa: aqueles que odeiam a bendita taça blasfemam contra o Espírito Santo.

O Super-Homem deve se alimentar com o néctar da imortalidade contido no divino cálice do templo.

A transmutação da energia criadora é fundamental quando se quer beber no Vaso Santo.

O Cristo Vermelho, sempre revolucionário, sempre rebelde, sempre heróico, sempre triunfante, brinda pelos Deuses, bebendo no Cálice de Ouro.

Levantai bem alto vossa taça e cuidai para não verter nem sequer uma gota do precioso vinho.

Recordai que nosso lema-divisa é “Thelema” (Vontade).

Do fundo do cálice, simbólica figura do órgão sexual feminino, brotam chamas que resplandecem no rosto ígneo do Super-Homem.

Os Deuses inefáveis de todas as galáxias bebem sempre da bebida da imortalidade no cálice eterno.

O frio lunar produz involuções no tempo. É necessário beber do vinho sagrado da luz no vaso santo da alquimia.

A púrpura dos reis sagrados, a coroa real e o ouro flamejante só são destinados ao Cristo Vermelho.

O Senhor do Raio e do Trovão empunha em sua destra o Santo Graal e bebe o vinho de ouro para se alimentar.

Aqueles que derramam o “Vaso de Hermes” durante a cópula química de fato se convertem em criaturas infra-humanas do submundo.

Tudo o que aqui escrevemos encontra plena documentação em meu livro intitulado **O Matrimônio Perfeito**.

FIM

ÍNDICE



Apresentação.....	5
Capítulo 1: A Vida.....	8
Capítulo 2: A Crua Realidade dos Fatos.....	11
Capítulo 3: A Felicidade.....	16
Capítulo 4: A Liberdade.....	19
Capítulo 5: A Lei do Pêndulo.....	22
Capítulo 6: Conceito e Realidade.....	27
Capítulo 7: A Dialética da Consciência.....	30
Capítulo 8: O Jargão Científico.....	34
Capítulo 9: O Anticristo.....	38
Capítulo 10: O Eu Psicológico.....	41
Capítulo 11: As Trevas.....	44
Capítulo 12: As Três Mentes.....	47
Capítulo 13: Memória-Trabalho.....	51
Capítulo 14: Compreensão Criadora.....	55
Capítulo 15: Kundalini.....	58
Capítulo 16: Normas Intelectuais.....	61
Capítulo 17: O Bisturi da Consciência.....	64
Capítulo 18: O País Psicológico.....	67
Capítulo 19: As Drogas.....	70
Capítulo 20: Inquietudes.....	73
Capítulo 21: Meditação.....	76

Capítulo 22: Retorno e Recorrência.....	79
Capítulo 23: O Cristo Íntimo.....	83
Capítulo 24: O Trabalho Crístico.....	85
Capítulo 25: O Difícil Caminho.....	88
Capítulo 26: Os Três Traidores.....	90
Capítulo 27: Eus-Causa.....	93
Capítulo 28: O Super-Homem.....	95
Capítulo 29: O Santo Graal.....	98



SAMAEL AUN WEOR

O GRANDE MESTRE GNÓSTICO DO SÉCULO XX



Nos dias 27 de outubro de cada ano a comunidade gnóstica mundial celebra o advento de Samael - o Quinto Anjo do Apocalipse - o Senhor do Quinto Raio - o Logos de Marte - o Décimo Avatar de Vishnu.

Mas, afinal, quem é Samael? Quantos de fato o conheceram (ou conhecem)? Qual seu papel na história contemporânea? Que influências suas idéias exercem e exercerão sobre a cultura, a ciência e a religião do novo milênio? Como pode a humanidade admitir que o Avatar de Aquário já veio e se foi de nosso convívio? Sendo o Avatar um abridor de caminhos e aplainador de terrenos para a vinda do Cristo ou de Vishnu, quando virá o Cristo da Era de Aquário?

Estas são algumas das mais palpitantes questões que os esoteristas modernos estão buscando compreender. Samael, no **Talmud**, **Zohar** e outros livros que comentam a Bíblia, é mencionado como um “Anjo Caído” (efetivamente,

ele estava “caído” até o século passado, mas para cumprir sua missão, como Avatar da Era de Aquário, teve que se “levantar” - e o fez magistralmente. Por isso, vale a pena conhecer algo de sua vida e sua obra.

O **Apocalipse** o descreve como o Quinto dos Sete. No esoterismo mais profundo e autêntico, Samael é conhecido como o Logos Regente de Marte ou o Senhor dos Exércitos. Modernamente podemos dizer que Samael é o Senhor do Quinto Raio.

Para aqueles que nunca ouviram falar de Samael Aun Weor torna-se necessário tecer alguns comentários acerca de sua obra e da sua missão terrena no século XX. Mesmo o leigo tem idéia de que é muito difícil a formação ou o nascimento de um Adepto ou Mestre de Sabedoria; a maioria inclusive ignora que eles existem. Portanto, seguem valendo as perguntas: O que é um Mestre de Sabedoria? O que é “levantar-se”?

Bem poucos, pouquíssimos são os que chegam ao nível de “Mestre de Sabedoria”. Samael Aun Weor foi um desses poucos. Por isso, a Ele foi confiada a transcendental missão de ser o Avatar de Aquário, o esperado Kalki Avatar, Décimo Avatar de Vishnu, o abridor de caminhos para a vinda do próprio Vishnu ou do Cristo Cósmico na Era de Aquário.

O “boddhisattva” de Samael nasceu no dia 6 de março de 1917 numa família aristocrática de Bogotá, Colômbia. Foi batizado com o nome de Victor Manuel Gómez Rodríguez. Desde muito cedo demonstrou talentos e capacidades incomuns, como a de se lembrar de suas vidas passadas e a de se desdobrar em astral conscientemente.

Ao fim de sua juventude já havia passado por diferentes escolas espirituais, como espiritismo, yoga, rosacruz, teosofia. Sempre levou uma vida nômade. Bem cedo recebeu a chave secreta do Grande Arcano – que é o segredo dos segredos para quem quer o Caminho Iniciático.

Suas capacidades e sabedoria logo se tornaram marcantes. Ficou conhecido no círculo esotérico de seu país, ao final dos anos 40, como “o jovem Mestre Aun Weor”. Falava com grande autoridade, e todos os que o escutavam sentiam a força que emanava de seu Ser. Os que o conheceram pessoalmente naquela época não podiam deixar de notar duas coisas: seu grande amor à humanidade e sua extrema humildade, mesmo ao fazer críticas às escolas pseudo-esotéricas, como ele denominava as instituições que haviam se prostituído pelo comércio, vendendo ensinamentos ao vivo ou pelo correio.

Em 1948 recebeu a revelação no mundo espiritual de qual seria sua missão, conformada em três aspectos:

1. Formar uma nova cultura.
2. Forjar uma nova civilização.
3. Criar o Movimento Gnóstico.

Em 1950 é editado o primeiro livro do “jovem Mestre Aun Weor”. O trabalho que ele desenvolveu nessa época está bem detalhado no livro **A História da Gnose**, escrito por seu primeiro discípulo, Julio Medina Vizcaino.

Um trabalho tão grande, para sua época e seu país, não poderia deixar de provocar reações. E a tempestade apareceu em forma de perseguições, calúnias, traições, etc. Em 1952 Aun Weor é preso sob a acusação de “curandeirismo”. Anos mais tarde, com a família (dois filhos pequenos e a esposa grávida do terceiro), teve que abandonar seu país para não ser morto pelos “poderes deste mundo”; cruzou o Panamá e os países da América Central parte a pé parte pegando carona, até chegar ao México, onde viveu até desencarnar em 1977.

Em 27 de outubro de 1954, no templo subterrâneo de Serra Nevada de Santa Marta, Colômbia, um grande acontecimento espiritual marca a vida de Aun Weor. Na presença de seus discípulos, acontece o advento de Samael. Aun Weor alcançava a Quinta Iniciação Maior e seu verdadeiro e real Ser [Samael] penetrou na Alma Humana devidamente preparada pelas ordálias iniciáticas de Aun Weor. Desde então assumiu sua identidade íntima como Samael Aun Weor.

Dia 4 de fevereiro de 1962 iniciava-se oficialmente a Era de Aquário. Graças a um excelente trabalho desenvolvido por vários de seus discípulos na época, seus livros já estavam sendo distribuídos e circulavam por diversos países da América do Sul, incluindo o Brasil, onde sua gnose chega a São Paulo, nesse mesmo ano.

As décadas de 60 e 70 foram muito fecundas para o Mestre Samael Aun Weor. Além de haver escrito suas mais notáveis obras, num total de quase setenta livros, criou também diversas instituições, abrangendo assim os principais segmentos sociais. Destacamos dentre elas:

POSCLA – Partido Operário Socialista Cristão Latino-Americano

ICU – Instituto de Caridade Universal

IGCU – Igreja Gnóstica Cristã Universal

AGEACAC – Associação Gnóstica de Estudos Antropológicos

Em paralelo foram organizados e realizados diversos Congressos Mundiais que chegavam a reunir mais de 3.000 (três mil) participantes.

Toda essa larga trajetória de realizações bem sucedidas foi interrompida pouco antes da noite do Natal de 1977. Na noite de 24 de dezembro de 1977 ocorreu o desencarne de Samael Aun Weor.

Por havermos acompanhado parte de toda essa história, sabemos diretamente que o Mestre Samael não foi um simples escritor esotérico, nem foi simplesmente um estudioso do hermetismo ou tampouco o criador de mais uma simples “seita” como querem os eternos detratores da Divina Gnose.

Samael, além de haver encarnado todos os princípios espirituais que ensinou ao mundo no Século XX, soube também sintetizar a essência do buddhismo e do cristianismo; decodificou a ciência alquímica; rasgou os véus dos mistérios sexuais e abriu as portas da antropologia esotérica que nos dá o elo perdido para unificar e conciliar todas as culturas e civilizações do passado e do presente, do Oriente e do Ocidente.

Assim como Deus se esconde em sua própria Criação, também o Kalki Avatar da Era de Aquário se oculta em sua própria obra. Porém, para alguns inimigos da divindade, Samael Aun Weor é apenas o criador de uma das mais destrutivas seitas do século XX. Por paradoxal que pareça aos olhos dos não-iniciados, o Movimento Gnóstico, iniciado por Samael, é a única escola autenticamente iniciática que restou à humanidade nos tempos atuais aqui no Ocidente.

Seus livros abordam de forma escancarada todo o processo de cristificação do ser humano que anela trilhar o autêntico Caminho da Iniciação Branca. Esse Caminho Iniciático está didaticamente exposto no seu livro **As Três Montanhas**.

Importante: Samael não deixou nem nomeou sucessores.

A IGREJA GNÓSTICA DO BRASIL



Igreja (*Ecclesia*) originalmente significava “assembléia”, “reunião” e, por denotação, “comunidade”; tem o mesmo sentido da “*sangha*” hindu. Porém, hoje, uma igreja é vista como instituição religiosa. Para o futuro, as antigas *ecclesia* novamente assumirão o caráter de comunidades espirituais.

“Tu és Pedro e sobre essa pedra edificarei minha Igreja e as portas do inferno não prevalecerão contra ela”. Palavras do Cristo Jesus que inspiraram a Igreja de Roma a propagar ao mundo que “a sua” era a verdadeira e única igreja. Porém, de acordo com um dos maiores doutores dela mesma, Santo Agostinho, até o século V da nossa era, essas palavras “Tu és Pedro ... “não se referiam à pessoa humana do apóstolo, mas sim, à confissão que Pedro fizera da divindade de Jesus: “Tu és o Cristo, filho do Deus Vivo”, declarou Pedro.

“A confissão da divindade do Cristo, diz Agostinho, é a pedra fundamental da Igreja”. O próprio Agostinho diz ainda que a pessoa de Pedro, chamada por Jesus de carne e sangue, não podia ser a pedra fundamental da igreja, até mesmo porque, em outras passagens do evangelho, Jesus chama Pedro de Satanás, por ter pensamentos humanos e não divinos. Nesse caso, essa igreja seria uma igreja de Satanás e não do Cristo.

A pedra fundamental da Igreja é a divindade de Jesus, o Cristo. Esse foi o axioma sempre defendido pelos gnósticos dos primeiros séculos. Sabiam os gnósticos que não existe nem pode haver verdadeira igreja fora do Cristo.

Detalhes como esse sempre foram motivo de terríveis discordâncias nos concílios do passado. Diz Samael Aun Weor:

“A Igreja do Cristo não é deste mundo. Ele mesmo disse que meu reino não é deste mundo”.

“No nome do Deus Vivo (o Cristo) há uma igreja invisível aos olhos da carne, mas visível para os olhos da alma e do espírito. Esta é a Igreja Gnóstica primitiva, à qual pertencem o Cristo e os Profetas. Essa igreja tem seus bispos, apóstolos, diáconos e sacerdotes que oficiam no altar do Deus Vivo”.

“O Patriarca dessa igreja invisível é Jesus, o Cristo. (...) Na Igreja Gnóstica vemos o Cristo sentado em seu trono, onde podemos conversar com ele pessoalmente” (Do livro **A Virgem do Carmo**, cap. VIII, pág. 20 e 21).

Samael Aun Weor foi o criador da Igreja Gnóstica Cristã Universal na década de 70, no México, hoje com ramos e derivações em diversos países. Porém, há muitos e importantes antecedentes ligados à criação da Igreja Gnóstica por Samael. As raízes da Igreja Gnóstica na América Latina remontam ao início do século XX (ano de 1910 mais exatamente) quando o médico alemão Dr. Arnold Krumm-Heller chegou ao México procedente da Alemanha.

É por demais sabido nos círculos esotéricos e espirituais latino-americanos que Krumm-Heller era o Patriarca da Igreja Gnóstica da Europa para a América Latina. Ocorre que Samael foi discípulo de Krumm-Heller (Mestre Huiracocha) nos anos 1940, e dele recebeu os ensinamentos básicos que levaram o então Hierofante de Mistérios Menores, Aun Weor, a criar, mais tarde, o Movimento Gnóstico e a própria Igreja Gnóstica, utilizando inclusive os mesmos ritos que a Igreja Gnóstica de Krumm-Heller usava.

O distanciamento ou separação de Samael com a organização do seu Mestre não aconteceu de forma conflituosa; deu-se de forma natural pela morte ou desencarne de Krumm-Heller em 1948. Portanto, ainda que não haja uma ligação formal e jurídica entre a Igreja Gnóstica criada por Krumm-Heller (V.M. Huiracocha) e o Movimento Gnóstico de Samael, não há como esconder o fato de que o Movimento Gnóstico de Samael Aun Weor sucedeu o trabalho e a própria Igreja Gnóstica de Huiracocha.

A demonstração mais inequívoca disso são os ritos internos utilizados pelas instituições gnósticas criadas por Samael. Eles foram trazidos da Europa por Krumm-Heller. Além disso, nas primeiras obras de Samael é muito forte a inspiração dos ensinamentos dados pelo Mestre Huiracocha antes de desencarnar. Basta ler os primeiros livros de Samael Aun Weor para se perceber esse traço marcante. Afinal, todo discípulo, antes de se tornar mestre, traz consigo os traços do seu Iniciador.

Qualquer apreciação do Movimento Gnóstico e da Igreja Gnóstica de Samael Aun Weor fora desse contexto levará aos naturais desvios e falsas conclusões. A história e os fatos apontam o surgimento da gnose em terras americanas no início do século XX, tendo inclusive surgido antes na América Latina que na América do Norte, onde um ramo também oriundo da Europa se estabeleceu em 1928, quase 20 anos depois de haver chegado ao nosso continente.

Em 1962 a Gnose de Samael chega ao Brasil, em São Paulo. Em 1972 chega a Curitiba. É nesse ano que começa a nossa história, a história da Igreja Gnóstica do Brasil.

LIVROS PUBLICADOS PELA IGB-EDISAW

Consulte nossa página na internet:

www.edisaw.com.br



O MATRIMÔNIO PERFEITO

A Porta de Entrada
da Iniciação



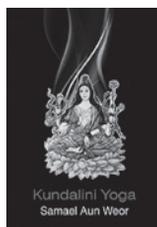
AS 3 MONTANHAS

Esoterismo Iniciático
Gnóstico



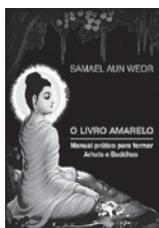
A CONVERSÃO DE BELZEBU

De Príncipe dos
Demônios a Anjo
de Deus



KUNDALINI YOGA

Os Mistérios da
Serpente de Fogo



O LIVRO AMARELO

Manual prático para
formar Buddhas e
Arhats



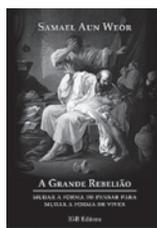
OS MISTÉRIOS MAIORES

As Iniciações
secretas
de Jesus no
Egito



EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL

Educar é bem mais
que programar
pessoas a produzir e
consumir



A GRANDE REBELIÃO

Mudar a forma de
pensar para mudar a
forma de viver



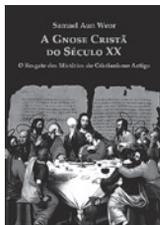
PSICOLOGIA REVOLUCIONÁRIA

Bases espirituais para
criar nova vida interior



O CRISTO CÓSMICO

O mistério de sua
crucificação na
matéria



A GNOSE CRISTÃ DO SÉCULO XX

O resgate dos
Mistérios do
Cristianismo
Antigo



MEDICINA OCULTA

Tratado de Medicina
Oculta e Magia
Prática



SIM! HÁ INFERNO, DIABO E KARMA



O LIVRO DA MORTE



SEDE NACIONAL DA IGB

www.gnose.org.br

Curitiba – Paraná – Brasil

Rua José Tomasi, 824 – Bairro Santa Felicidade

CEP: 82015-630

Fone: 41 3372 7038

E-mail: **faleconosco@gnose.org.br**



Este livro digital foi disponibilizado gratuitamente pelo
Projeto Abragnose Digital, mantido pela
ABRAGNOSE - Academia Brasileira de Gnose.

O Projeto Abragnose Digital, por meio de contribuições
de estudantes gnósticos e simpatizantes,
tem por objetivo disponibilizar versões digitais gratuitas
de obras publicadas pela EDISAW - Editora Samael Aun Weor.

Para adquirir cópias impressas de obras do catálogo da EDISAW,
a preço de custo, visite a nossa loja na página www.edisaw.com.br.
Ao adquirir as versões impressas das obras da EDISAW
você contribui para a expansão do seu catálogo e
para a manutenção de sua obra de divulgação
do conhecimento gnóstico contemporâneo.

Para ajudar a manter este e outros trabalhos de cunho cultural,
assistencial e missionário você pode também contribuir diretamente
para com a ABRAGNOSE realizando doações
por meio da seguinte conta bancária:

Banco do Brasil
Agencia: 3390-1
Conta: 27.361-9
CNPJ 14.578.176/0001-30
Academia Brasileira de Gnose

Agradecemos o seu apoio!

Paz Inverencial!



EDISAW

Aviso de copyright:

Todos os direitos reservados para a EDISAW - Editora Samael Aun Weor.
A distribuição deste material é permitida desde que seja mantida a totalidade do material,
e seja expressamente mencionada a fonte (EDISAW / Projeto Abragnose Digital)
e ambos os nossos endereços na internet (www.gnose.org.br e www.edisaw.com.br).



"Eis a hora de partirmos, eu para a morte, vós para a vida. Quem de nós segue o melhor rumo, ninguém o sabe, exceto os deuses" - Sócrates.

Alcançar a felicidade está entre as principais metas das pessoas. Mas, onde está a receita da felicidade? Para muitos, felicidade é obter dinheiro e riquezas materiais; para outros, dons espirituais e tesouros no céu.

Na vida prática, mesmo em meio a tantas dores e sofrimentos, ninguém perde a esperança de ser feliz algum dia, ainda que não saiba como ou de que maneira irá alcançar a felicidade.

Se as pessoas entendessem algo sobre Psicologia Revolucionária, possivelmente pensariam diferente, e saberiam que a felicidade é um estado de espírito que independe de bens e riquezas exteriores.

Nesta obra, o Mestre Samael Aun Weor nos convida a realizar uma Grande Rebelião em nossas vidas. Ele nos sinaliza o caminho que percorreu em busca da auto-realização íntima, guiando-nos rumo ao conhecimento de nós mesmos.

O comércio de almas, livros e manuais de auto-ajuda, de conjecturas e teorias, hoje em dia se tornou pavoroso; raro é aquele que, no emaranhado de tantas idéias contraditórias e receitas fáceis, consegue achar o verdadeiro caminho secreto e íntimo para forjar em si o verdadeiro estado de paz e felicidade.



Gnose é aqui:
www.gnose.org.br

EDISAW

ISBN 978-85-62455-07-0



9 788562 455070